O ÚLTIMO RUIVO

CLAYTON DE LA VIE

Copyright © Clayton De La Vie, 2020
Todos os direitos reservados.
Título: O Último Ruivo
Revisão: Jean Gabriel Álamo
1. Ficção brasileira; 2. Literatura brasileira de ficção científica; 3. Biopunk
Siga nas redes sociais: @claytondelavie

"Ser banido significa ir pra longe, muito longe. Pra um lugar onde as pessoas foram conscientes demais..."

- Aldous Huxley, Admirável Mundo Novo

I

A SOCIEDADE evoluiu.

Os seres humanos se julgavam evoluídos intelectual e fisicamente.

Não adquiriram superpoderes ou criaram asas, mas, como o próprio Ícaro, aproximaram-se demais do Sol com suas asas artificiais e despencaram para o abismo da desumanidade. Tudo com uma promessa de um mundo melhor.

No ano de 3.450, não mais existia o que, no passado, intitulávamos de feio, diverso ou grotesco. Os Governos, no decorrer longo dos anos, uniram-se em prol da humanidade e sua sobrevivência. O Novo Governo, ou apenas O Governo, distribuiu gratuitamente todo tipo de tratamento à população, o que, inicialmente, gerou desconforto: opositores afirmavam que as vacinas eram, na realidade, um veneno letal. Uma arma que o Governo usaria para exterminar aqueles que julgavam feios, imorais ou opositores a essa estranha união repentina.

No final, estavam certos. Mortos, mas certos.

Pessoas morreram aos milhares antes mesmo de se chegar ao ano três mil. Com o tempo, no entanto, o massacre foi legitimado. No Novo Mundo, entre outras tantas coisas, não era mais

permitida a existência de homossexuais, anarquistas, imperialistas, comunistas, negros, índios, deformados, deficientes ou, até mesmo, ruivos. Tudo que pudesse significar uma ameaça ao padrão criado para a Nova Raça Humana.

Entre outras tantas diversidades, homossexuais e comunistas continuaram a existir, como em tempos antigos, escondendo-se entre a população e, às vezes, negando a sua origem e ideais para satisfazerem os ensejos da sociedade, mas, como tantas outras anomalias ou inimigos, os ruivos foram extintos. Totalmente exterminados. Era a melhor palavra - ou a única - para descrever o que aconteceu, embora os membros do Governo tomassem o cuidado para evitá-la, utilizando, ao invés disso, o termo "abolidos".

Muitos diziam que ser ruivo era uma anomalia genética, um empecilho nessa nova evolução da espécie humana. Embora não fosse uma explicação plausível para tamanha caça às bruxas.

Anomalias não são permitidas em um mundo de gente perfeita e, a qualquer custo, tal tipo de gente precisa ser abolida.

Foi assim que homens e mulheres se esculpiram à imagem de antigos deuses. Aperfeiçoaram-se. As doenças, graças à constante inovação

tecnológica, foram quase erradicadas da Terra, exceto por algumas poucas patologias. Para essas, só havia uma cura, que era administrada no momento em que ela era constatada: a morte.

E isso era bom.

Agora, essas mulheres e homens aperfeiçoados desfilavam pelas ruas de todo o mundo com corpos elegantes. Seus rostos, de tão limpos, assemelhavam-se a belíssimas esculturas. Alguns até perderam as expressões faciais. Tornaram-se bonecos bem vestidos.

Úrsula não era diferente dessas pessoas. Havia nascido com a perfeição genética em cada aspecto do seu ser. O que a tornara uma corredora nata, inteligente, bem-humorada, excelente na escrita, fiel ao Governo e contra qualquer distúrbio contra o bem comum, como os radicais que não queriam aderir a esse "absurdo" gerado pelo Governo. Embora ela concordasse em parte, secretamente, com esses radicais, não aceitava o fato de tamanha destruição em prol de uma causa. Algo que ela aprendera a gostar e acreditar que não era mera estética ou politicagem. Principalmente quando relatavam as barbaridades que a humanidade cometia contra si mesma e ao próximo. Foi na Faculdade de História Mundial, onde se formou

professora, que ela viu o benefício criado para o mundo com essas novas medidas feitas pelo Governo baseadas na tese desenvolvida pelo cientista Tate Boosmiale, séculos antes, que originou o Projeto Ozymandias.

O Brasil não foi o único a adotar o projeto. Ao apresentar a sua tese ao mundo, Tate demonstrou que era possível catalogar todos os nascimentos e analisar possíveis alterações de comportamento celular a fim de identificar doenças severas. Algo revolucionário. Muitos países aderiram imediatamente, como era esperado pelo Governo, um dos principais financiadores do projeto. E, assim, toda a abolição de pessoas se tornou mais eficiente.

Úrsula jamais ousaria se manifestar contra as injustiças que os governos cometeram séculos antes, e também não se rebelaria diante de uma situação errada no cotidiano, como um roubo ou a truculência policial. Era, como todos os demais seres humanos, uma pessoa de plástico, com nariz empinado, olhos claros, pele perfeita e cabelos impecáveis. *Sua vida era perfeita*. Por que estragar isso com ideias que não a levariam a lugar algum? Era também uma mulher fértil, sem antecedentes de deficiências na família, como era esperado, ou quaisquer indícios de distúrbios mentais. Algo que

ainda era um problema em algumas partes do mundo, mesmo com as modificações genéticas. Algumas coisas não tinham explicação. Em suma, ela era uma excelente candidata para ter um filho.

Um sonho que ela sempre teve e jamais deixaria ser estragado por sonhos fracassados de rebeldia... Mas, para o seu desespero, seu sonho seria uma dessas coisas que não tinham explicação alguma para acontecer. Um pesadelo.

Úrsula não precisou, assim como todas as mulheres não mais precisavam, ir ao hospital para que o nascimento se concretizasse. No Brasil, especialmente em São Paulo, todas as casas construídas depois da implantação do Projeto Ozymandias possuíam um centro médico, geralmente localizado no subsolo da residência, que contava com a assistência de robôs para mantê-los em atividade. Os robôs estavam, desde 3.202, autorizados a comandar qualquer procedimento cirúrgico, estético e a realizar partos.

Ela sentiu falta do seu marido, Arthur, que havia morrido em um terrível acidente de carro elétrico nas vias expressas a caminho de uma conferência em Campinas. Úrsula sempre assistia aos vídeos gravados pelo seu marido, sorrindo e acariciando a barriga dela, que crescia a cada dia. Ele,

mais do que ninguém no mundo, queria ver a criança nascer.

Ela pousou os olhos no bebê robótico, extremamente realista, que ele comprara para ela. Eles discutiram feio nesse dia. Tudo para que ele fizesse uma piada de que era bom ela praticar como ser mais humana com a criança. E, como todo clichê paterno que não foi possível erradicar da genética, o bebê era um menino. Ele esperava muito que fosse um menino. Até tinha escolhido o nome para ele... Mas, agora... Agora, só havia ela e o frio robô a quem tentaram dar uma aparência mais humana, algo similar a um androide do tipo replicante. Mas apenas conseguiram deixá-lo mais assustador com os olhos frios formados por duas luzes azuis incisivas. Até sua voz era monótona e fria enquanto explicava o procedimento para ela e iniciava suas diretrizes. Eles eram mais baratos e cumpriam com o seu dever, o Governo não estava preocupado com estética nesse tipo de situação. Ao menos, não com a dos robôs. Eles não votavam ou se rebelavam. Já eram perfeitos à sua maneira.

Assim, com os pensamentos ainda no marido, Úrsula se lembrou que, infelizmente, não havia nada que se pudesse fazer por ele. Não era como o seu parto, que estava sendo, como todos os

outros de todas as outras mulheres, pacífico e sem dores. Todos os remédios impediam que qualquer incômodo fosse sentido pela mãe. Assim como o robô era programado para dar a criança nos braços da mãe por cinco minutos, antes de fazer todos os testes e determinar se ela precisava ser abolida ou de alguma vacina, cirurgia ou procedimento que curasse imediatamente qualquer imperfeição. Era uma época tecnológica assustadoramente bela, fria e confortável para se viver. Mas, mesmo com toda a tecnologia do mundo, ainda não existia uma cura para a morte. Aliás, como ela bem se lembrou no momento em que o robô de parto colocou a criança em seus braços, a morte era uma cura. E ela poderia chegar em cinco minutos.

Ao dar à luz um menino, anunciado pelo robô com uma voz fria e monótona, Úrsula não conseguiu compreender como era possível que ele tivesse pequenos fios de cabelos ruivos.

Para piorar, após um rápido olhar, descobriu que ele era tinha a Síndrome de Down. Era evidente. Assim como o robô notou as variações cardíacas e na respiração dela que, graças a ciência e a indiferença robótica para compreender verdadeiramente os sentimentos humanos, a máquina

interpretou como emoção ao ver o recém-nascido, e não desespero e medo.

Seus olhos pousaram sobre o cronômetro no visor ao lado do robô: quatro minutos e trinta e dois segundos.

Embora tivesse nascido séculos depois do genocídio de pessoas ruivas, tinha estudado tudo sobre em História Mundial. Era a sua área de estudo preferida desde o Ensino Fundamental. Tanto que a levou a se tornar uma professora. No auge dos seus trinta e seis anos, lembrava-se do período em que lecionava na região sul da cidade. Cheia de convicção, seguindo a cartilha escolar, ela se lembrou de dizer a uma sala cheia de garotos lindos e perfeitos, assim como a sociedade que as criara:

— Para a edificação de uma nova espécie humana, para aprimoramento da espécie, todos os doentes foram erradicados do mundo. O mesmo destino se deu aos grupos imorais, tais como homossexuais, comunistas, negros, ruivos e índios.

Três minutos e quarenta segundos.

Não havia como se esquecer que a Síndrome de Down estava listada como uma das doenças mais severas que poderia afetar o ser humano. A única cura conhecida era a abolição, algo que

deveria ser aplicado imediatamente após a constatação da doença.

Três minutos e vinte e cinco segundos.

Precisava tomar uma atitude radical antes que mais alguém tivesse conhecimento sobre o bebê. O risco que a criança corria se ela decidisse se manter em São Paulo, no meio de tanta gente preconceituosa, era incomensurável.

Dois minutos.

Úrsula, ainda olhando para a criança diante de si, não tinha dúvidas quanto ao futuro que lhe aguardava. Era o primeiro ruivo a nascer em mais de dois séculos, e já estava na lista de extinção.

Um minuto e quarenta e cinco segundos.

E a ideia de perder mais um ente querido em tão pouco tempo lhe apertava o coração de tal maneira que a mulher não via outra saída, a não ser largar tudo para trás e se mudar para o interior paulista.

Talvez, dessa forma, a criança tivesse uma chance.

Resoluções impulsivas derivadas de um momento de desespero, ela sabia mesmo naquela situação. Mas de que outra forma poderia reagir?

Um minuto e vinte e cinco segundos.

Campinas! Sim, a cidade era evoluída o bastante para dar assistência em tudo o que fosse necessário, mas havia, em seus arredores, uma fazenda que, embora estivesse desabitada, ainda pertencia à família da Úrsula. O lugar era tão antigo que a avó de Úrsula, uma mulher de princípios muito religiosos que sempre levou a vida à base da fé em Cristo, dizia ter pertencido a grandes latifundiários do século XIX...

Um minuto. O bebê começou a se sentir incomodado.

Era um lugar ideal para criar o filho. Poderia lhe ensinar em casa o que fosse necessário. Afinal, a sua profissão de professora servia justamente para transmitir os seus conhecimentos aos outros.

Quarenta e cinco segundos.

Sorriu com a ideia enquanto segurava seu bebê nos braços.

Quarenta segundos.

Não era justo que uma criança tão alegre, como demonstrava naquele momento em que segurava o polegar direito da mãe com as suas mãos pequeninas, e de rosto tão rosado, fosse submetida a qualquer maltrato.

Trinta segundos. Mais pressão.

O robô. O que ela faria com o robô? O que ela poderia fazer contra aquela criatura feita de titânio, plástico e ferro? Seu coração acelerou.

Dez segundos.

Não havia como adulterar os testes. Eles eram absolutos.

Oito segundos.

Não havia armas na casa.

Sete segundos.

Não havia como desligar o robô.

Cinco segundos.

O bebê começou a chorar.

Quatro segundos.

Três segundos.

Úrsula percebeu que estava apertando o braço do seu filho, pelo nervosismo, e parou. Ela olhou seu bracinho roxo.

"E se...?"

Dois segundos.

O bebê continuava chorando.

Um segundo.

E houve silêncio.

— Por favor, entregue a criança para...

O robô pousou sua mão sobre o braço da criança, e seus sensores sentiram a rigidez e a frieza incomum.

Imediatamente, ele captou o pulso no braço da criança e não detectou nada. Seus sensores visuais, que, normalmente, eram desligados para preservar a privacidade da paciente, já que não eram mais necessários para o parto, foram ativados.

Duas luzes vermelhas foram projetadas sobre Úrsula.

A paciente 31.415.926.535 estava chorando e com a mão sobre o rosto da criança.

— Faça alguma coisa! Meu bebê! Meu bebê!

O robô imediatamente retirou a criança dos braços da mãe e o levou para a mesa especial feita para procedimentos cirúrgicos.

Enquanto o bebê extremamente realista era inutilmente reanimado pelo robô, que não conseguiu distinguir a textura sintética da textura verdadeira da pele humana, Úrsula mantinha, friamente, o seu cotovelo tampando a boca do seu filho para ele não chorar.

No último segundo, enquanto o robô se deslocava para pegar a criança, Úrsula colocou seu filho ao lado e o fez silenciar com seu cotovelo.

Trocou de lugar com ele o bebê sintético na esperança que aquela máquina não percebesse a troca.

Ela olhou para o seu filho e contou o tempo enquanto a máquina analisava o bebê falso.

Se ela estivesse certa, enquanto se via obrigada a sufocar o próprio filho, ele apenas desmaiaria com a pressão e a privação rápida de oxigênio.

Era nisso em que acreditava. Era melhor ele quase morrer do que realmente morrer. Era a sua única chance.

No fim, Arthur, mesmo morto, salvara o seu filho... por mais alguns minutos, pelo menos.

— Infelizmente, nenhum procedimento surtiu efeito — anunciou o robô no mesmo tom monótono. Úrsula esperou que os olhos se tornassem azuis de novo e entrassem em modo privativo, mas isso não aconteceu. — É apenas um boneco.

Úrsula ficou pálida imediatamente ao perceber que o robô estava escaneando todo o ambiente ao redor deles. Ele agarrou o braço da paciente, que lutou inutilmente. Com o outro braço mecânico, o robô pegou a criança e o examinou com os olhos. Soltou o braço da sua paciente e se dirigiu para a mesa de procedimentos.

O robô rapidamente ressuscitou a criança, e ela voltou a chorar. Úrsula lutou contra todas as

drogas para o parto que estavam no seu organismo, mas era inútil. Estava paralisada da cintura para baixo. Então esticou todo o seu corpo e tentou agarrar o robô, sem sucesso. Ela gritou, chorou e esperneou.

— Anomalia genética detectada — declarou o robô. — Identificando...

Era apenas uma questão de tempo até que ele identificasse o tipo de anomalia genética e estabelecesse uma "cura". Úrsula chorou copiosamente, puxando até se machucar na maca de parto.

— Identificado: Síndrome de Down e Rutilismo. Prognóstico: abolição por injeção. As imagens dos procedimentos e da resistência pela paciente 31.415.926.535 já estão sendo enviadas para a Central, e, em breve, uma equipe será designada para a sua residência. As autoridades irão...

Sim, ela sabia exatamente o que aconteceria. Socou e amaldiçoou todo aquele sistema. Amaldiçoou também o Governo e aquele procedimento hediondo. Amaldiçoou sua insignificância e, principalmente, amaldiçoou seu marido. Por que ele não estava ali para protegê-la quando ela mais precisava dele?

— Iniciando eutanásia — anunciou o robô.

Ele levantou seu braço, e, da parte superior do seu pulso, saiu uma injeção com uma substância cinza e viscosa.

— Primeiro, administrarei quatro miligramas de tiopentato de sódio para agir como depressor no sistema nervoso da deformidade...

— Pare! — berrou Úrsula.

Ela chorou com a crueldade do que estava acontecendo.

— Depois administrarei dez miligramas de brometo de pancurônio, que irá paralisar o diafragma e os pulmões...

— Não! Não! Por favor... Oh, meu Deus, por favor, não... Meu filho!

— Em seguida, serão administrados quinze miligramas de cloreto de potássio para paralisar o coração...

Úrsula conseguiu sair da cobertura especial para suas pernas e caiu no chão, ignorando completamente a dor. As únicas dores que estavam mais pungentes eram no seu coração e na sua alma. Ela sentia algo se despedaçando dentro dela e não podia acreditar que fosse possível sentir tamanha dor.

Seus olhos estavam inchados e se sentia impotente.

Agarrou as pernas do robô e tentou implorar, em vão. O robô era tão frio quanto o Governo que ele representava.

O robô abaixou seu braço e administrou a primeira injeção.

Em trinta segundos, o bebê fez um barulho de engasgar com o próprio choro e entrou em um coma controlado. O silêncio mortal inundou o cômodo. Sons inaudíveis saíam da boca da mãe desesperada pelo seu filho. Ela já não conseguia mais chorar, não conseguia mais reagir, estava sentindo que morreria com o filho ali, naquele momento, naquele chão gelado.

O braço do robô se ergueu mais uma vez e, com um leve zumbido, outra injeção apareceu, mais letal do que a primeira. Enquanto ele estava abaixando o braço, uma voz familiar para Úrsula exclamou:

— Úrsula! Parada, unidade ND-32!

Úrsula olhou para trás. Por um momento, viu o seu marido, mas então se lembrou que era impossível, pois ele estava morto e incinerado.

II

PARADO NO topo da escada que dava acesso ao cômodo, estava um homem alto, de cabelos negros, olhos injetados de dúvida e desespero.

Úrsula já o conhecia, sabia bem de quem se tratava.

Ele estava uniformizado como os oficiais da Polícia Federal Unificada, ou PFU, como indicavam as letras grandes e amarelas que cobriam parte do seu peito e das costas, com sua calça especial e jaqueta de um tecido sintético que aguentava balas de pequeno e médio porte. Todo de preto, exceto por aquelas letras e distintivo dourado preso no seu cinto, onde também ficavam o coldre para a sua arma letal e o coldre para a sua arma de choque.

O robô permaneceu analisando a situação por alguns segundos antes de resolver abaixar o braço novamente. O policial foi mais rápido e atirou no braço do robô. Imediatamente, o robô fez menção de se virar, mas, antes que ele pudesse olhar bem para o seu agressor, recebeu novas rajadas de balas na cabeça. Os circuitos estouraram, e uma fumaça fétida de plástico queimado inundou o ambiente.

Com um barulho seco de metal, o robô caiu para o lado bem em cima do braço de Úrsula. Ela chorou mais ainda e urrou de dor.

— Gabriel! — exclamou Úrsula, desesperada. — Socorro! O meu bebê, por favor...

O policial guardou sua arma e correu até o local onde o bebê estava.

— Ele já recebeu a primeira injeção... — murmurou Gabriel, pesaroso. — Úrsula...

— Nos ajude!

O policial olhou bem para o bebê e constatou imediatamente que ele era diferente, e um problema enorme para os dois. Ele era uma anomalia genética e precisava ser eliminado. Ao destruir o robô, pensando existir nele algum defeito, o policial se tornara cúmplice de um crime contra o Estado. Agora, era tarde demais para tentar consertar essa situação.

— Você precisa me ajudar, Gabriel! Pelo seu irmão! — exclamou a pobre mulher, estirada no chão, sentindo o sangue escorrendo do seu braço. — Por favor...

Gabriel se lembrou de Arthur, seu irmão. A última vez em que ele o viu foi na despedida, antes de ele fazer aquela viagem estúpida. Por algum motivo, seu irmão estava muito agitado e

implorou para que ele protegesse Úrsula e a criança, caso acontecesse algo. Soltou uma risada ao ouvir aquilo. Naquele momento, parecia algo estúpido e sem sentido, mas agora já não tinha mais tanta certeza que o irmão estava apenas sendo cuidadoso. Havia algo de muito suspeito cercando a sua morte...

— Gabriel!

Ele acordou do seu transe. Se quisesse ajudá-los, precisava decidir agora, e rápido.

— Úrsula, ele...

— Eu sei! Por favor, me tire daqui! Ajude-nos primeiro e depois conversamos!

Ele olhou para o rosto todo deformado de ódio e dor de sua cunhada. Ele não a reconheceu. Estava completamente transformada. Mesmo assim, ali, naqueles olhos brilhantes, estava a determinação que ela sempre teve, e o que fez o seu irmão se apaixonar por ela. Ele não tinha escolha.

Com toda a sua força, tentou levantar o robô. Ele era mais pesado do que parecia. Era quase impossível levantá-lo sozinho. Nem mesmo o suficiente para ela retirar o seu braço, ele conseguiu.

Ele xingou.

— Corte! — ela gritou. — Corte essa porcaria fora! Eu senti meu braço ser esmagado quando essa coisa caiu em cima dele.

— Não, Úrsula! Você ficará...

— Eu sei, Gabriel, eu sei. Mas não importa mais, eles vão chegar... vão matar o meu filho... mais estão vindo, você sabe... Só, por favor...

— Eu não estou reconhecendo você, Úrsula! Você não é uma revolucionária. Por que se sacrificar por um garoto que é uma anomalia genética?!

— Porque eu o amo! É o meu filho! O filho de Arthur! Eu preciso protegê-lo, Gabriel, eu preciso...

De fato, o único manifesto de que estava disposta a participar envolvia a vida do seu único filho. O amor de mãe realmente fala mais alto, é um instinto primitivo que nem todos os tratamentos estéticos podem modelar. Imutável. Natural. Úrsula jamais pensou que sentiria isso, e Gabriel jamais pensou que poderia fazer o que estava prestes a fazer, pelo seu irmão e pelo seu sobrinho.

Pensando rápido, Gabriel olhou para o braço do robô e se ajoelhou ao seu lado. Colocou sua arma no chão e abriu mais um compartimento no braço do robô. Ali, ele encontrou um bisturi bem afiado preso a um mecanismo que o colocava para fora

caso precisasse. Com muito cuidado, evitando os outros instrumentos ali escondidos, ele arrancou o bisturi do suporte.

Em seguida, retirou as coisas que estavam presas no seu cinto e fez um torniquete um pouco abaixo do ombro, bem no meio do bíceps. Com toda a sua força, ele apertou o cinto e tirou urros de dor e desespero de Úrsula.

Sem pensar muito ou preparar sua cunhada, Gabriel enfiou o bisturi logo abaixo do torniquete e, como se fosse um açougueiro inexperiente, cortou a pele, os músculos, e tudo mais, até o osso. O procedimento não levou mais do que cinco minutos, mas pareceu uma eternidade para Úrsula, que quase desmaiou de dor.

Gabriel precisou pisar com força no braço dela para quebrar seu braço a fim de dividir o que restara do membro.

Uma, mais uma e outra vez, até se partir completamente. Ela estava livre. Sem conseguir se levantar. Mais uma vez, ele buscou no braço do robô pela injeção que a livraria daquela agonia. Contudo, como descobriu rapidamente, era quase impossível saber qual era a injeção correta. Havia muitas pequenas injeções, e algumas delas poderiam ser letais.

— Não importa, Gabriel... — murmurou Úrsula, febrilmente.

Ela estava perdendo muito sangue. Com a mão, ela pressionava o toco do braço inutilmente.

— Você precisa sair daqui com o garoto — ela murmurou. — Por favor... leve o... — Ela sorriu. — Ainda não dei um nome para ele... Arthur queria... ele queria...

— Marcelo — completou Gabriel, deixando escapar uma lágrima. — O nome do nosso avô.

— Não temos muito tempo... Você precisa pegar minha bolsa, meu carro e ir para Campinas. A criança precisa...

Ela desmaiou.

III

GABRIEL SE viu lutando contra tudo o que acreditava.

Não havia escolha no que estava prestes a fazer. Ele estava prestes a cumprir a última vontade do seu irmão, e possivelmente de sua cunhada.

Talvez desse certo, talvez não. De qualquer forma, ele já havia perdido sua vida no momento em que impedira o robô de administrar a cura naquela criança.

Agora, ele estava entrando na via expressa com o carro de sua cunhada, com ela ao seu lado, coberta por um cobertor e o seu sobrinho no banco de trás. Os dois estavam em estado crítico.

Se ele não se apressasse, seria tarde demais para os dois.

Enquanto dirigia, foi se lembrando mentalmente de todos os cuidados que tomou antes de começar a sua fuga.

Não colocara nada no GPS. Ao invés disso, consultara um velho mapa para saber qual caminho pegar, e, também, deixara seu distintivo e celular para trás. Não podiam rastrear nada por qualquer coisa da PFU. Lembrara de arrancar o

rastreador que todo carro era obrigado a ter, algo que apenas a PFU tinha conhecimento. Até hoje, ele nunca reclamara disso, era algo módico e facilitava encontrar os criminosos e revolucionários, que não entendiam como tinham sido encontrados. Só agora ele via como isso era invasivo. Não eram só os criminosos que eram perseguidos, mas pessoas comuns também. Para o Governo, todos eram criminosos, ou seriam um dia.

Sem família, não precisava se preocupar com ninguém. Os dois no seu carro eram a sua única preocupação agora. Eles e as câmeras de segurança da via expressa. Precisava dar um jeito de sumir com o carro, pois eles estariam procurando da forma antiga. Qualquer carro sem o rastreador iria ativar as câmeras, e elas tirariam fotos e filmariam seu movimento. Gabriel socou o volante do carro.

Como podia ser tão estúpido? Não tinha pensado nisso, e agora era tarde demais para sair da via expressa. Em meia hora, estaria dentro do perímetro de uma das unidades rodoviárias da PFU. Era só uma questão de tempo até eles pararem o carro e questionarem sobre o rastreador.

— Maldito Governo! — exclamou.

Socou mais o volante e praguejou.

Era opressivo! Um verdadeiro abuso de poder que ninguém se importava desde que os mantivessem seguros e tomassem as decisões por eles. Era uma estupidez sem limites. Como eles permitiam que terceiros decidissem tudo de suas vidas por eles? Como ele tinha feito parte desse sistema por tanto tempo sem se preocupar com isso?

Gabriel estava furioso consigo mesmo...

— Arthur... — Úrsula murmurou.

Oh, seu irmão! Aquele desgraçado! Por que ele teve que ir naquela viagem estúpida? Gabriel sabia que algo estava acontecendo com ele, mas não tinha ideia, nenhuma pista. Sempre tentou investigar mais a fundo o acidente do seu irmão, mas nunca permitiram. As desculpas eram várias. A favorita dos seus superiores era que o caso estava relacionado à segurança nacional.

Nada disso importava agora. Gabriel precisava pensar em alguma solução rápida para escapar da PFU. Ele precisava escapar não só de uma força policial inteira, como também precisava se esconder de uma sociedade preconceituosa e todo um Governo opressor...

— Como diabos vou fazer isso? — murmurou, desesperado.

Lágrimas de desespero correram pelo seu rosto. Ele sorriu. Seria melhor ter deixado aquela aberração genética morrer na mesa de parto. Por que ele nascera assim, afinal? Seu irmão e sua cunhada eram perfeitos. Não havia como isso ter acontecido.

O retrovisor começou a tremer.

Gabriel conhecia muito bem aquela vibração que estava tomando conta de todo o carro. Havia um drone de vigilância sobre o veículo.

Diferente dos primeiros modelos, que eram minúsculos e resgatavam uma antiga tecnologia da humanidade, esses novos drones eram enormes. Tinham, pelo menos, duas vezes o tamanho do carro, capacidade para um piloto e três acompanhantes. Sem contar as suas armas, o drone era equipado com poderosas pinças com potência suficiente para prender um carro e içá-lo de onde quer que ele estivesse, sem haver necessidade de parar o trânsito ou causar inconvenientes com perseguições.

Gabriel ouviu na sua cabeça as palavras do seu instrutor, enquanto ele mostrava um drone para ele, na época da academia:

"A única forma de fugir de uma dessas belezas é saber o tempo exato antes que ele abaixe a

pinça e arranque o veículo da estrada. O que é praticamente impossível. E, se a pessoa tiver sorte, ela irá acelerar no momento certo e irá conseguir tempo suficiente para escapar, antes que a pinça se retraia e o drone tente novamente. Com um pouco de paciência, o criminoso pode conseguir escapar, mas... apenas uma vez."

Talvez uma vez fosse tudo que ele precisasse. Uma chance...

Ele não teve tempo para pensar. As pinças agarraram o carro pelas laterais. Ele só teve tempo de puxar sua cunhada para perto de si e olhar para o seu sobrinho, que estava no meio do banco traseiro, enquanto as pinças afundavam na lataria e içavam o carro para longe da via expressa.

Alguns motoristas celebraram enquanto mais um revolucionário, terrorista ou aberração genética era retirada, com eficiência e segurança, de suas vidas para sempre.

"*Deus abençoe o Governo!*", pensaram, cheios de orgulho.

IV

A FAMÍLIA da Úrsula sempre foi muito rica. Sendo assim, mesmo mantendo a fazenda desabitada por tamanho tempo - afinal, havia mais de três séculos que ninguém da família punha os pés naquele território para outra coisa além de passear -, os Honório Bertrand faziam questão de pagar profissionais que realizassem serviços de limpeza. O costume se manteve até mesmo quando os pais de Úrsula, o doutor Leonardo e a arquiteta Marcia, faleceram. Seu neto, Francisco, filho da falecida irmã de Úrsula, Juliana, fazia questão de manter o costume, e ele era o único que aparecia por lá de vez em quando.

Os empregados eram muito discretos, principalmente após uma das empregadas mais bisbilhoteiras ter sido não só demitida como enviada para um campo de correção genética. Mas nenhum deles conseguia entender por que ele continuava pagando e indo até aquela casa antiga. Ele tinha um cargo proeminente no Governo.

Ninguém mais gostava daquelas propriedades, elas eram muito dispendiosas pelas leis de proteção aos monumentos históricos nacionais que o Governo fazia questão de preservar só para lembrar a todos da decadência dos antepassados. Só era permitido restaurar o interior dessas casas,

nunca o exterior. O que conferia ao lugar um aspecto sujo e abandonado, mesmo que, por dentro, fosse impecável.

Ele, acima de todos, não deveria preservar aquele lugar. Não havia motivos. Recebia um dos melhores e mais cobiçados salários de todo o Governo. Jovem, bonito, com seus olhos castanho-claros, cabelo liso com um belo corte moderno jogado para o lado. Estava sempre de terno, tinha uma fala impecável e toda polida. Era o exemplo que todo o Governo admirava. O exemplo do futuro, o exemplo do legado que eles criaram para a humanidade. A perfeição em pessoa.

Os empregados não compreendiam sua rotina estranha quando estava lá. Sempre vinha acompanhado de amigas e amigos. Pessoas que nunca eram apresentadas a eles e que sempre desapareciam por um tempo nas florestas da propriedade. Quando retornavam, alguns estavam com ar abatido e abraçando o próprio corpo, outros estavam alegres e rindo do mundo. Certa vez, toda uma comitiva do Governo chegou, e um dos empregados jurava ter visto o próprio Chanceler do Governo em pessoa entrando na floresta com ele. Diferente dos outros, ele saiu muito animado.

Logo após esse estranho ritual que se repetia de tempos em tempos, ele caminhava no cemitério da família. Ali, estavam enterrados os membros mais ilustres da Família Honório Bertrand, e, como uma honraria especial, sua mãe, Juliana, teve uma lápide colocada. Ela foi cremada, como todos os outros eram, por lei, obrigados a ser. Sua lápide era a única que ainda mantinha a nitidez. Os outros foram apagados pelo tempo e as intempéries da natureza.

Era algo estranho, mas comum. Os empregados se acostumaram com isso. O que eles acharam extremamente estranho foi o dia em que um drone sobrevoou a propriedade, fazendo todas as paredes vibrarem e os lustres trepidarem. Eles saíram correndo, deixando seus afazeres, para verem aquela maravilha da engenharia do Governo.

O drone carregava um veículo que foi depositado no chão, próximo à propriedade, antes que o próprio veículo pousasse. De dentro do transporte, saíram, para surpresa dos empregados, o próprio Francisco e dois oficiais da PFU.

Com equipamentos especiais, que eles tiraram de compartimentos do aparelho, os oficiais cortaram as portas do carro e arrancaram com força o homem que estava lá dentro e o atiraram

no chão. Ele tentou resistir, mas um teaser o colocou tremendo no chão e se estrebuchando.

— Tragam dois robôs médicos — ordenou Francisco aos empregados.

Imediatamente, alguém ativou um dispositivo.

Em pouco tempo, dois robôs, muito similares aos que cuidavam dos partos, surgiram na entrada da casa e se dirigiram rapidamente até o carro.

Um deles retirou Úrsula do transporte e a ajudou imediatamente a estancar o sangramento do seu braço. Administrou sedativos e preparou tudo para uma prótese. Uma das maravilhas de ser incrivelmente rico e ter influência, de estar no lado "correto" dos vencedores. O outro retirou o bebê do banco de trás. Imediatamente, ele identificou os produtos no sangue da criança e aplicou um antídoto. Em pouco tempo, a criança voltou a chorar.

Algumas empregadas prenderam a respiração e levaram a mão à boca, enquanto aquela cena se desenrolava diante dos olhos delas. Uma quase avançou para retirar o bebê dos braços do robô, mas ele iniciou a rodada de testes genéticos.

— Anomalia genética detectada — declarou o robô. — Identificando...

— Cancelar — ordenou Francisco.

O robô, que era especial e feito sob medida para a família Honório Bertrand, imediatamente obedeceu às ordens dele. Os agentes, que deveriam parecer surpresos ou demonstrar qualquer tipo de ofensiva com relação àquela atitude, nada fizeram. Eles se contiveram, mas estavam horrorizados com tudo aquilo que acontecia. Parecia o pior dos pesadelos sociais, um golpe do próprio Governo contra a sociedade perfeita.

Francisco se adiantou e foi até o seu primo.

Ele fez uma careta ao ver a cor dos cabelos do bebê e a forma estranha dos seus olhos. Estava há tanto tempo sem ver deformidades ou aquelas anomalias que não conteve o asco e vomitou próximo ao robô.

— Perfeito — disse, olhando para aquela monstruosidade. — Um Quasímodo.

Ninguém entendeu sua referência. Muitos livros haviam sido editados ou destruídos para preservar o novo modo do Governo. Ninguém nunca tinha ouvido falar no Quasímodo ou, tampouco, na expressão francesa que lhe deu o nome, afinal, assim como as pessoas defeituosas foram varridas da face da Terra, as palavras para defini-

las também caíram em desuso e foram abolidas do vocabulário cotidiano.

— Por favor, quero a atenção de todos vocês — disse Francisco, voltando-se para os empregados. — Precisamos falar sobre como as coisas vão ser de agora em diante... Precisamos falar sobre a sua nova chefe... Precisamos falar sobre a Brenda.

V

AO DAR à luz um menino, anunciado pelo robô com uma voz fria e monótona, Úrsula não conseguiu compreender como era possível que ele tivesse pequenos fios de cabelos ruivos.

Para piorar, após um rápido olhar, descobriu que ele era tinha a Síndrome de Down. Era evidente. Assim como o robô notou as variações cardíacas e na respiração dela que, graças a ciência e a indiferença robótica para compreender verdadeiramente os sentimentos humanos, a máquina interpretou como emoção ao ver o recém-nascido, e não desespero e medo.

Seus olhos pousaram sobre o cronômetro no visor ao lado do robô: quatro minutos e trinta e dois segundos...

— Úrsula — chamou uma voz conhecida e melodiosa, assustando-a.

Ela olhou para a porta do quarto e viu um homem parado na porta. Jovem, bonito, com seus olhos castanho-claros, cabelos lisos e bem cortados jogados para o lado. Estava usando aquele terno, como sempre. Com a fala toda polida e educada, ele disse:

— Unidade ND-33, por favor, cancele seus protocolos e nos dê licença.

— Confirmação necessária...

Imediatamente, Francisco deu seu código de acesso do Governo e o robô entrou em estado de hibernação.

— Francisco — disse Úrsula, tentando esconder a criança e o alívio por ele ter chegado em tão fortuito momento. — Eu não esperava...

— Eu resolvi dar uma passada para ver como você estava, tia — ele respondeu, aproximando-se da maca. — Queria ver o meu primo e dar as boas-vindas ao nosso mundo. Uma boa vontade do Governo, é claro. Tudo para os nossos queridos cidadãos.

Ele fez menção de se aproximar. Instintivamente, Úrsula puxou o filho para mais perto de si.

— Algum problema? — Francisco perguntou, surpreso.

— Francisco, eu...

Ela não sabia o que fazer, o que dizer. Ver seu filho ali, em seus braços, com uma anomalia genética e um membro do Governo ao seu lado, pronto para cumprir com o seu dever, se fosse necessário. Bastaria ele religar o robô, deixá-lo rodar suas análises e testes, e logo ele iria administrar a única cura possível: a morte.

Ela sentiu uma dor aguda no seu braço direito. Sem querer, ele apertou o bebê, que começou

a chorar. Francisco se aproximou com um sorriso bondoso e segurou a criança. Úrsula prendeu a respiração.

— Tia... o garoto...

Ela começou a chorar, sem saber o que fazer.

— Não! Não! Por favor... Oh, meu Deus, por favor, não... Meu filho! Não deixe eles o tirarem de mim, Francisco...

— Está tudo bem, tia. — Francisco devolveu a criança para ela, que parou de chorar ao retornar aos braços seguros de sua mãe. — Sabe, o procedimento de eutanásia é indolor. Três injeções são administradas. A primeira induz ao coma, a segunda...

— Pare! Não! Por favor! Ele não pode morrer! Ele é o filho do Arthur, meu Deus! Ele o aguardava há tanto tempo... Se ele estivesse vivo... Nós queríamos dar o nome dele de Marcelo, em homenagem ao seu pai...

As lágrimas escorriam do rosto de Úrsula. Ela estava inconsolada. Queria sair correndo dali, mas as suas pernas estavam sob o efeito do sedativo, ainda.

— Você sabe que eu sou um representante do Governo, tia. Você sabe que o meu cargo exige que...

— Eu sei, Francisco! — ela exclamou. — Mas... ele é família, Marcelo é seu primo...

— Não dê um nome a ele, tia... por favor...

— Pense na sua mãe, Francisco! Pense na minha irmã. O que ela ia achar de você exterminar...?

— Abolir, tia. Abolir.

— Que seja! Você não pode simplesmente dar as costas para nós agora. Ele é seu primo! Um ser vivo, e merece viver...

— Ele é uma aberração genética, tia!

— Eu não sei como isso é possível! Não deveria ser possível, não é? Como?

Francisco suspirou e desviou o olhar.

— O que foi?

— Nada...

— Conte-me.

—...

— Francisco!

— Está bem! Mas isso não pode sair daqui...

Ele se aproximou dela. Um pequeno zumbido incomodou o ouvido de Úrsula. Ela balançou a cabeça para afastar aquele inseto.

— O Projeto Ozymandias não é feito somente em laboratório. Cada ser humano nesta Terra recebe um biochip que controla os

hormônios e os genes de cada pessoa. É assim que o Governo consegue a eficiência do controle genético da população...

— Mas isso é uma invasão de privacidade! — ela exclamou, assustada.

— Não, não, tia! Nós não usamos qualquer rastreador ou qualquer coisa do tipo. É apenas um chip simples que auxilia o organismo a se manter limpo de todas as impurezas. Só que, devo admitir, ele só tem noventa e nove vírgula noventa e nove por cento de eficácia. Pode acontecer de ter um filho geneticamente falho. E, sinto dizer, era por isso que o Arthur estava tão empolgado para ver o nascimento do seu filho. Ele estava testando um novo chip que teria cem por cento de eficácia se funcionasse, pois queria o melhor para você e o seu filho. Ele sabia que você poderia ter um caso desses, por causa da sua genética...

— Minha genética sempre foi perfeita!

Francisco deu uma pausa dramática.

— Infelizmente, não... — continuou. — Tia, Arthur descobriu que vocês dois juntos, por algum motivo, tinham mais chances de terem um filho defeituoso. Aquela viagem que ele foi fazer era para tentar conseguir mais dados antes de o bebê nascer. Ele queria poder solucionar qualquer

imperfeição antes que a criança viesse ao mundo. Infelizmente, houve uma pane no seu veículo e ele...

— Eu sei... — Úrsula conteve a tristeza. — Eu não fazia ideia, Francisco...

— O único motivo pelo qual eu estou te contando isso é que Arthur era como um pai pra mim. E ele queria que eu cuidasse do seu filho...

— Eu também — disse uma voz da porta, assustando Úrsula e Francisco.

Por um momento, ela viu o seu marido, mas então se lembrou que era impossível, pois ele estava morto e incinerado... Úrsula teve mais um daqueles estranhos déjà-vu.

Parado no topo da escada que dava acesso ao cômodo, estava um homem alto, de cabelos negros, olhos injetados de dúvida e desespero. Ele estava uniformizado como os oficiais da PFU. Um policial. Era Gabriel, o cunhado de Úrsula.

— Olá, Úrsula — cumprimentou Gabriel, sem sorrir. — Francisco.

— O que está fazendo aqui tão... cedo? — perguntou Francisco olhando friamente para Gabriel.

— Vim ver como está o meu sobrinho.

— Entendo... Bem... eu não sei se este é o melhor momento para...

Gabriel ignorou completamente Francisco. Então segurou a criança em seus braços e ela não chorou. O garoto, ao invés disso, sorriu para Gabriel.

— Ele é perfeito — comentou, acariciando a mão do bebê.

— Perfeito? — surpreendeu-se Francisco. — Não, ele é uma aberração genética, Gabriel.

— Vocês se conhecem? — perguntou Úrsula, desconfiada.

— Não — adiantou-se Francisco. — Vi o nome pelo crachá, e um policial sempre é notificado quando uma unidade é desativada, como foi a ND-33. Tudo para confirmar se fui eu mesmo ou se foi outra pessoa. Só achei que ele chegou muito rápido.

— Estava nas redondezas — respondeu Gabriel para a pergunta que não foi feita, mas estava implícita naquele diálogo forçado e sutil, cheio de significados. — E, como era um membro da minha família, resolvi vir o mais rápido possível.

— Entendo...

Úrsula olhou com agradecimento para Gabriel, enquanto ele lhe devolvia a criança, pelo seu apoio e compreensão.

— Acredito que saiba o que precisa ser feito com a criança — comentou Francisco.

— Ser protegida e levada para algum lugar seguro — respondeu Gabriel, prontamente.

— Você não acha que ela deveria ser abolida?

— Não.

— Certeza?

— Sim.

—...

—...

— Por quê? Você é um revolucionário, Gabriel?

— Não. Eu sou apenas um oficial da PFU. Minha obrigação seria abolir esta criança imediatamente, mas, como você desativou a unidade ND-33, acredito que tenha motivos para não fazer isso, talvez porque ele também seja sua família, e família importa.

Francisco riu, deu um tapa na própria perna e se aproximou de Gabriel. Ele colocou sua mão no ombro dele e olhou bem fundo em seus olhos.

— Veja só, tia. É isso que o Governo proporciona. Pessoas perfeitas, uma raça superior e

extremamente inteligente. Ele conseguiu perceber tudo antes mesmo que eu falasse. Não deveria ser um oficial da PFU, embora seja uma honra. Deveria ser um de nossos investigadores ou estrategistas de táticas especiais. Acredito que nada escaparia à sua percepção. Principalmente se ela pudesse colocar em risco a vida dele e de seus familiares. — Nesse ponto, ele deu uma apertada mais forte no ombro de Gabriel. — Acho que ele merece até um abraço caloroso meu, como se todo o Governo pudesse abraçá-lo! — Ele abraçou Gabriel calorosamente e murmurou em seu ouvido: — Comporte-se, ou eles morrerão agora.

Um pequeno zumbido de inseto passou perto do ouvido de Gabriel, que foi abafado quando Francisco se afastou com alguns tapas em seu ombro.

— Excelente exemplar da nossa sociedade! — declarou. — Sabe, oficial Gabriel, você está certo. Acredito que posso tentar dar uma chance e um destino digno para o meu primo. Eu vou precisar ter uma audiência com toda a cúpula de poder, alguns políticos e especialistas, mas talvez, e é um talvez muito grande, pois nossas leis são absolutas, possamos poupar a criança. Desde que ela não represente perigo nenhum à sociedade.

— Eu me pergunto se não seria a sociedade um perigo para a criança — retrucou Gabriel.

— Certamente que não.

— Rapazes — chamou Úrsula, incomodada —, por favor, eu sei que não é uma situação confortável para ninguém, mas... alguém poderia ativar o robô e pedir para ele tirar a anestesia? Não consigo mexer minhas pernas.

— É claro, tia — adiantou-se Francisco, todo prestativo. — E, depois, vamos pegar suas coisas e vou levá-la pessoalmente para Campinas.

Exatamente aquilo em que Úrsula pensara em seu momento de desespero.

— Campinas? Ah... para a fazenda.

— Isso, e depois nós...

— Eu achei que eu iria levá-la para lá — disse Gabriel, sério.

— Eu também. — Francisco lançou um olhar todo significativo para Gabriel. — Mas eu acho melhor não.

Francisco colocou um fim na conversa e deu os comandos para que o robô pudesse terminar os procedimentos do pós-parto. Em pouco tempo, Úrsula estava de pé.

Gabriel ficou o tempo todo encarando Francisco e fazendo o possível para não esmagar

aquelas moscas chatas que ficavam zumbindo no seu ouvido. Ele estava preso. O Governo havia lançado suas terríveis garras em volta dele e de Úrsula. Não havia como escapar daquele terrível pesadelo inexorável. Francisco, agora, representava tudo o que ele mais odiava na vida. Era a fonte de todos os seus problemas. Agora, havia dois objetivos em sua vida, enquanto ele observava Úrsula, inocentemente, colocando a criança no enxoval que ela comprara para ele: e um era protegê-la. Protegê-la, assim como seu sobrinho, a qualquer custo, e, observando o sorriso cínico nos lábios de Francisco, matá-lo. Eliminar sua vil existência do universo a qualquer custo.

Ele queria gritar, enquanto Úrsula colocava as coisas no carro, queria alertá-la, mas não podia. Queria tanto avisar sobre o que estava acontecendo. Sobre o destino que estava sendo traçado para ela e para o menininho, mas o Governo estava de olho, Francisco estava ali o tempo todo. Ele daria um jeito, a deixaria a par sobre tudo o que estava acontecendo. Úrsula saberia de tudo, em breve, tinha que saber...

VI

NO CAMINHO para a fazenda dos seus pais e antepassados, passando pela suntuosa, moderna e, para ela, bucólica paisagem da via expressa, Úrsula teve uma série de déjà-vus estranhos. Como se tudo aquilo já tivesse acontecido, mas ela estava com... tocou seu braço direito e sentiu a pele e a textura. Não... Não era possível que fosse um braço sintético ou coisa parecida, não existia esse tipo de coisa, só nos hologramas de entretenimento.

Laçou um olhar cheio de amor para o seu filho e depois de gratidão para Francisco.

— Obrigada, Francisco, por estar nos ajudando — ela agradeceu com sinceridade.

— Por nada, tia — respondeu Francisco, sério. — Vocês são da família, não posso deixar que o Governo faça algo com vocês. Pelo menos, até eu tentar impedi-los. Eles têm milhares de segredos. Por que não ter mais um?

— É verdade que o Governo tem segredos?

— Claro que não, tia! — Francisco ergueu as sobrancelhas. — Foi uma brincadeira. Me admira acreditar que o Governo tenha algo para esconder do povo.

Úrsula se sentiu incomodada. Não parecia certo, mas logo se sentiu culpada por duvidar de

alguém que a estava ajudando, alguém de sua família.

— Perdão, Francisco — ela disse. — Estou me sentindo cansada e confusa. E o meu filho... quando aquele robô ameaçou matá-lo, eu...

— Está tudo bem, tia. Eu entendo pelo que está passando. Você não é a primeira mãe a tentar proteger um filho. Contudo, você será a primeira mãe que enviará uma mensagem de verdade para todas as mães por aí.

Por um momento, Úrsula sentiu que Francisco não estava falando com ela. Marcelo começou a chorar bem nesse momento. Ela olhou para trás e espantou uma mosquinha que estava sobrevoando seu filho.

Com ela ainda se sentindo zonza, pouco tempo depois, eles chegaram até a fazenda da família. Úrsula tomou seu filho nos braços enquanto Francisco descarregava suas malas. Uma empregada se aproximou e sorriu para ela.

Era uma mulher simples, toda uniformizada, como seus pais faziam questão que ela sempre estivesse, com cores claras para saber se estavam asseados ou não. Tinha a perfeição que todos os demais da sociedade tinham. Pele clara, olhos castanhos e cabelo preto preso em um coque sob o

chapéu de camareira. Ela parecia bem-disposta e animada com a visita, como se estivesse esperando por Úrsula. Havia uma inquietude em seus trejeitos.

— Bem-vinda, senhora — disse a empregada com um leve tremor na voz. — Posso te ajudar com o bebê?

— Não...

— Está tudo bem, Úrsula — disse Francisco, fechando o bagageiro do carro. — Enquanto estávamos saindo de casa, eu já avisei a todos os empregados. Todos estavam à sua espera. Eles sabem tudo sobre a professora e o seu bebê, que é assunto do Estado, no momento. — Ele se aproximou com uma mala em mãos, a que estava com todas as roupas e mamadeira do bebê. — Acho que está na hora de relaxar e deixar que os empregados cuidem de tudo. Talvez nunca faça uso em sua estadia aqui nem das suas malas, tia. Vai levar um tempinho para se acostumar com a nova rotina, mas não muito. Enfim...

VII

QUANDO ÚRSULA colocou os primeiros pés dentro da casa, com a empregada ao seu lado carregando o recém-nascido no colo, não se surpreendeu com a higienização de cada cômodo, cada escada, cada pedacinho de madeira entre um pilar e outro que compunha a casa principal; um palacete da madeira mais incomum que a mulher conhecia, para ser franco. Havia algo de nostálgico ali dentro, como se ela já estivesse ali em outras vidas, talvez.

Não deixou, também, de se atentar aos detalhes do lugar, pois, além de cansada pelo parto, havia feito uma viagem exaustiva e precisava de repouso. Todo aquele estresse que passou com seu filho havia lhe deixado num estado de alerta exagerado que ela nunca sentira antes com a segurança da sociedade atual.

Francisco a acompanhou até as escadas, com a empregada sempre atrás deles. Eles subiram e se depararam com um corredor gigantesco, cujo final dava visão para uma lagoa, que, vista dali, parecia uma tela pintada no horizonte. Seu sobrinho a conduziu para um cômodo onde havia um quarto de luxo todo preparado para ela, com uma vista privilegiada do lago.

O quarto era cheio de quadros, cortinas e obras de arte antigas. Havia uma escrivaninha num canto com um computador que destoava do resto do ambiente. A empregada colocou Marcelo com cuidado em um berço ao lado da cama de casal. Ele já havia adormecido quando a empregada deixou Francisco e ela sozinhos. Marcelo parecia calmo e sereno. Exceto pelos olhos um pouco puxados e mais agudos, mesmo fechados, parecia um bebê como qualquer outro. Mesmo com a cabeleira ruiva, que já não era vista por ninguém há séculos.

— Tomei a liberdade de abrir as janelas para ventilar o recinto, além de escolher o berço para o bebê — disse uma voz firme e melodiosa. — Desculpem-me a ousadia.

Úrsula interrompeu a conversa trivial com Francisco e olhou para a porta. Ali estava uma moça alta e belíssima. Com cabelo castanho claro, cacheados, olhos castanhos e pele alva. Trajava um belíssimo vestido branco, com a barra até um pouco acima dos joelhos, salto alto de agulha e um colar de pérolas que transmitiam um ar de terem sido arrancadas de algum quadro renascentista. Sua dona não ficava atrás. Ela também parecia uma pintura antiga que havia ganhado vida na mão de excelentíssimos mestres cheios de defeitos

genéticos. No futuro, se já existiam fotografias, por que perder tempo pintando? Agora, só existiam na memória dos antepassados e nos museus que conseguiram preservar suas obras do passado apenas para lembrar esse pretérito obscuro.

A mulher na porta lembrava tudo de bom que o futuro poderia reservar. Mas também lembrou Úrsula do seu passado. Ela não pôde deixar de escapar um nome dos seus lábios:

— Juliana?

— Ela lembra muito minha mãe, não é? — comentou Francisco, com um grande sorriso no rosto. — Esse foi um dos motivos pelos quais eu a contratei especialmente para cuidar de você e da criança. Acredito que será mais fácil assim. Na verdade, o *Governo* acredita que assim será mais fácil.

— Prazer em conhecê-la... — balbuciou Úrsula, incrédula, ainda.

— Brenda, só Brenda. O prazer é todo meu, senhora Úrsula. Eu sou a governanta desta casa.

Úrsula afastou uma mosca. A empregada tinha uma espantosa semelhança com Juliana. Havia algo de sobrenatural nela que desagradou a Úrsula.

— Nós te apoiamos totalmente, Úrsula — assegurou Brenda. — Francisco nos explicou tudo

e faremos o possível para tornar sua estadia aqui a mais agradável possível. Infelizmente, ainda não descobrimos um modo de abolir totalmente as moscas, elas fazem parte do nosso cotidiano aqui. — Ela espantou uma da sua frente. — Acredito que irá se acostumar em breve.

Úrsula sorriu e balançou a cabeça.

— Acredito que estará em boas mãos, tia — disse Francisco, colocando a mão em seu ombro. — Agora, eu preciso ir. Tenho assuntos do Governo para resolver e tratar sobre a criança.

Eles se despediram e Úrsula ficou sozinha na sala com seu filho. Brenda acompanhou Francisco até a porta. O bebê sorriu enquanto dormia.

— Você tem muita sorte, pequenino — murmurou. — Nunca se esqueça o quanto a família é importante. Farei o possível para ensinar tudo o que sei e prepará-lo para o mundo lá fora. Espero que Francisco consiga... Não! Ele tem que conseguir convencer o Governo a aceitar você e te dar uma chance. Você vai sobreviver, Marcelo, vai ser o símbolo de esperança que todas as mães desesperadas para protegerem seus filhos precisam. Será um exemplo, meu orgulho, meu filho...

**

Francisco quase soltou uma gargalhada ao terminar de ver a cena que se desenrolava no quarto através do seu celular. Brenda parecia imparcial a tudo aquilo.

— Ela não faz ideia do que está acontecendo, não é? — Brenda perguntou para o seu chefe. — De tudo isso o que está por vir...

— Nem um resquício de ideia, Brenda, nenhum — ele celebrou internamente. — Quanto mais ela acreditar em tudo o que está dizendo, melhor. Quanto mais esperança houver, mais o mundo poderá ver o quanto é inútil resistir ao Governo. Um dia, veremos a expressão de desespero do meu querido primo ao descobrir que toda a sua vida serviu a um propósito maior, que nenhuma de suas escolhas tinha significado, a não ser servir de exemplo. Em breve, ao fim de sua existência, quando for abolido, enviará uma mensagem tão forte para todos que não precisaremos mais nos preocupar com nenhum tipo de revolta, nunca mais.

Ele guardou seu celular e olhou para o drone enorme que o aguardava.

— Veja — disse, olhando para a lateral do drone. — O pessoal do marketing sabe realmente o que faz. Eles tinham razão com relação ao nome do

programa. Funciona melhor do que qualquer uma das outras opções.

Francisco se despediu de Brenda, e, por pouco, não a chamou de "mãe". Algo instintivo, algo trivial e bobo. Ele cerrou os dentes e fechou os punhos. Correu para o drone, suprimindo suas emoções e lembranças do passado.

No momento que as portas se fecharam, uma propaganda enorme na lateral do drone ficou visível e completa. Ali estava a imagem de Úrsula segurando o recém-nascido Marcelo no colo, ao lado, em letras vermelhas bem nítidas e chamativas, estava escrito:

O Último Ruivo – Em breve, o maior reality show da Terra! Trazido até você por uma iniciativa do Governo.

VIII

O SOL já ia alto quando Úrsula acordou, e as cortinas estavam abertas, o que lhe causou desconforto porque se lembrava nitidamente de tê-las fechado antes de pegar no sono. Algumas moscas se afastaram da sua frente e sobrevoaram sua cabeça, preguiçosamente.

Úrsula se ergueu num sobressalto e olhou em direção ao berço. Estava vazio.

Estivera tão segura de que não seria descoberta em São Paulo, após o envolvimento de Francisco, que nem ao menos passou pela sua cabeça a ideia de que uma das pessoas responsáveis por zelar da fazenda poderia ver a criança e denunciá-la às autoridades. Mesmo que Francisco tivesse garantido que isso não aconteceria.

Duas batidas na porta. Brenda deu um tremendo susto em Úrsula. A empregada estava parada na porta com olhos incisivos, olhando fixamente para ela, com os olhos de sua já falecida irmã.

— Onde...

— Não precisa se preocupar com a criança. Eu achei tão fofa, mesmo sendo diferente. Mandei que lhe fosse dado um banho e amamentado — assegurou Brenda num tom confiante e confortável. — Francisco disse que precisávamos proteger a

criança, mas... O que ele tem? Ele não nos disse nada sobre a condição dele...

— Marcelo, ele...

— Ah, esse é o nome do menino? Marcelo? Um nome bonito. Significa "pequeno guerreiro" ou "jovem guerreiro", se não me engano.

Úrsula sorriu, disfarçando o incômodo. Sem perceber, tinha se colocado de pé e encarava Brenda como um animal encara um possível predador. Algo nela a deixava em alerta. Algo não estava certo.

— Nunca vi nada parecido — disse Brenda, quebrando o silêncio desconfortável. — Ele é lindo, mas tem algo nele que não está certo. Cheguei ainda com o sol a nascer e fiquei observando enquanto dormia. Respirava com dificuldade. Isso é um tanto incomum...

— Não, não é incomum. São os ares, sabe? Mudamos de cidade agora, e ele é recém-nascido, ainda não se adaptou — desconversou Úrsula.

— Nós sabemos que não é isso, Úrsula. — Brenda sorriu ainda mais. — Embora não saiba com certeza o que é, sei que a cor do cabelo dele é uma anomalia genética...

— O que você quer, Brenda? Está tentando nos chantagear? É isso? Onde está meu filho?!

Nesse momento, a empregada que a recepcionou apareceu com a criança nos braços. Úrsula correu até o menino e o pegou. Estava tudo bem com ele, estava perfumado, limpo e sorrindo.

— Não queremos fazer mal ao menino, Úrsula. O Governo certamente não iria querer isso — disse Brenda, sem alterar seu sorriso perfeito. — Só queremos entender o seu problema para que possamos ajudá-lo da melhor forma possível. Certamente, ele precisa de cuidados especiais e você não pode fazer tudo sozinha. Existem sete empregados nesta casa, e eu, a governanta. Embora estejamos encarregados, principalmente, da limpeza do lugar, também devemos cuidar das necessidades de qualquer Honório Bertrand que se hospede aqui. Esta também é uma de nossas funções como guardiões da fazenda.

— Obrigada, Brenda — murmurou Úrsula, ainda desconfortável. — Obrigada...

— Meu nome é Cintia — disse a empregada, com humildade. — É um prazer...

— Certamente que é — interrompeu Brenda, tendo uma leve alteração em seu sorriso.

Com os olhos, Cintia foi dispensada por Brenda. Isso não passou despercebido pelos olhos atentos de Úrsula.

— Conhecerei os outros empregados? — perguntou Úrsula, acariciando a mão de seu filho.

— Acredito que sim, com o tempo. Acho que agora é melhor servirmos o café da manhã. Você também deve estar com fome. Deixa que eu cuido do Marcelo para você...

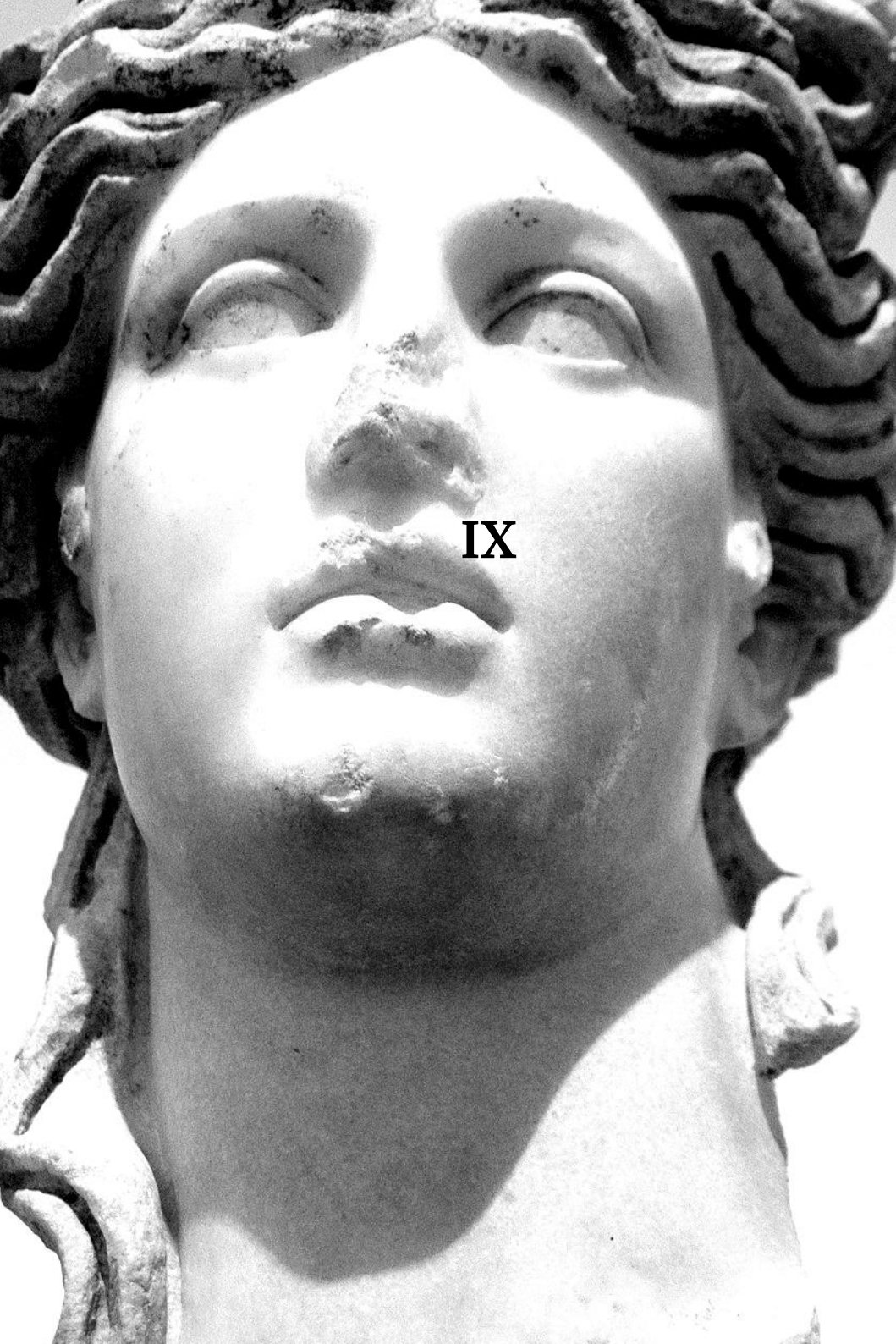
— Não! — Úrsula afastou a criança dos braços de Brenda. — Pode deixar, pode deixar...

Brenda não pareceu nem um pouco alterada. Apenas sorriu, como sempre, e balançou a cabeça em tom de afirmação. Retirou-se logo em seguida, enquanto Úrsula colocava seu filho no berço.

Naquele momento, teve consciência de que precisava se manter atenta mais do que nunca. Descobriria em breve o que estava acontecendo e quem era aquela mulher. Havia algo de frio e insensível nela. Algo perturbador.

Ela espantou algumas moscas que estavam sobrevoando Marcelo, que chorou.

Úrsula acariciou seu rosto, passou a mão pelos seus cabelos ruivos e pelos seus olhos puxados. Foi inundada por um sentimento estranho e chorou junto com o filho. Ambos compartilhavam da mesma dor. Até mesmo o garotinho tinha noção de que a vida estava prestes a dar um salto.


IX

ÚRSULA SE sentiu oprimida no café da manhã. Havia uma atmosfera densa permeando toda aquela belíssima estrutura arcaica. Embora a refeição estivesse deliciosa e farta, seu estômago embrulhou. Não conseguiu comer a omelete ou o mamão, sentiu o café amargo, mesmo com três cubos de açúcar. Havia suco de laranja, bolo, biscoitos e mais uma infinidade de comidas geneticamente modificadas para não causar nenhum tipo de problema para o organismo humano. Sempre comia com prazer, mas hoje não.

Foi no café da manhã que ela conheceu George, o cozinheiro e mordomo da casa. Era um homem de meia-idade, com sobrancelhas espessas e olhos miúdos. Tinha uma aparência engraçada, com o nariz desproporcional ao restante do rosto. Contudo, como Úrsula bem sabia, parte da cultura daquele homem que sobrevivera às abolições era considerado atraente e livre de imperfeições genéticas.

— Posso fazer algo que a madame goste mais? — perguntou, cordialmente, George.

— Eu não acho que...

Úrsula foi interrompida pelo pigarro de Brenda. Imediatamente, George se afastou e abriu

espaço para a governanta trazer uma bandeja cheia de guloseimas.

— Talvez um doce ou um pudim traga boa recordações. Acredito que é como costumávamos... — Brenda, literalmente, travou. Por um momento, seus olhos ficaram opacos e, por um breve instante, o ar ficou suspenso. Úrsula quase passou a mão diante dos olhos dela para ver se tinha alguma reação, mas logo ela retornou ao normal. — Acredito que é como você costumava comer com sua irmã, aqui, quando era pequena.

Úrsula achou aquilo muito estranho. Lançou um olhar para George, mas ele apenas, com uma leve menção de olhar e dos lábios, dispensou qualquer indagação dela.

— Agradeço, Brenda, mas não, muito obrigada — disse, com um sorriso amarelo. — Acho que ainda estou indisposta do parto. Talvez fosse melhor eu me retirar e recuperar minhas forças...

— Ora! Mas está um belíssimo dia. Achei que iria caminhar pelo campo, ou pelo bosque, quem sabe...

— Melhor não, hoje não. Com licença.

Ela quase saiu correndo daquele suntuoso cômodo, todo ornado com riquezas e recordações do passado. Cheio de futilidades incomensuráveis,

iguais àquelas pessoas que ela estava aprendendo a desprezar. Havia algo muito errado naquele lugar.

Ao retornar para o quarto, deparou-se com Cintia, cuidando de Marcelo. Ela era uma das poucas que tinha gostado desde o primeiro momento. Os olhos das duas se encontraram. Cintia parecia uma mãe nata.

— Tem filhos? — quis saber Úrsula se aproximando da empregada.

— Ah, eu tentei — respondeu, distante. — Eutanásia. Ele também tinha Síndrome de Down.

— Sinto muito... — Úrsula sentiu um aperto no peito.

— Está tudo bem, senhora. Ele não sofreu. Era muito pequeno para sentir qualquer coisa, imagino. Isso causa um pouco de conforto para mim, quando lembro dele. Cuidar do seu filho, também, certamente está ajudando. Eu sei que ele não é só ruivo. Quando crescer, ficará cada vez mais evidente. O Governo não irá aprovar...

— Já basta! — Brenda vociferou da porta do quarto. — Acredito que tenha pedido para você cuidar da adega, Cintia.

Uma mosquinha passou voando entre Cintia e Úrsula.

Cintia entregou o menino para a mãe.

— Cuidado — murmurou. — Cuidado com as m...

Os olhos da empregada ficaram lívidos. Ela levou a mão no braço e o apertou com força. Úrsula gritou por socorro, com o filho no colo, e se sentiu impotente e desesperada. Brenda nem se moveu. Em poucos segundos, a empregada se recuperou, apoiou-se no berço de Marcelo e sorriu para Úrsula.

— Está tudo bem... está tudo bem... — Ela respirava com dificuldade, mas tentava parecer tranquila. — Infelizmente, sofri um acidente e meu coração já não é mais o mesmo... Sinto... que tenha presenciado isso.

— Talvez — disse Brenda, séria —, se tivesse ido cuidar da adega, como foi instruída, isso não teria acontecido.

A agressividade sumiu rapidamente de seus olhos e de sua voz. Brenda mudou o tom e colocou um belíssimo sorriso nos lábios. Com um gesto suave e displicente, apertou um botão na sua pulseira.

— Uma unidade médica está a caminho para cuidar de você — informou. — Eles *cuidarão* de você.

— Não! — Cintia ficou pálida. — Não, por favor! Eu não fiz nada...

Ela sentiu o coração de novo. Úrsula colocou Marcelo no berço e ofereceu apoio para Cintia, mas a governanta foi mais rápida.

— Não se aflija agora, minha cara — ela conteve Úrsula. — Ela será bem cuidada.

— S-s-enhora... — balbuciou Cintia.

Uma unidade médica chegou rapidamente no quarto e se dirigiu até a empregada. Antes que ela pudesse falar qualquer outra coisa, recebeu uma dose de um calmante instantâneo que a colocou para dormir imediatamente. A unidade a tomou nos braços e a retirou do quarto.

— Sinto que tenha presenciado isso, Úrsula — desculpou-se, Brenda. — Garanto que isso não voltará a acontecer e ela será bem tratada.

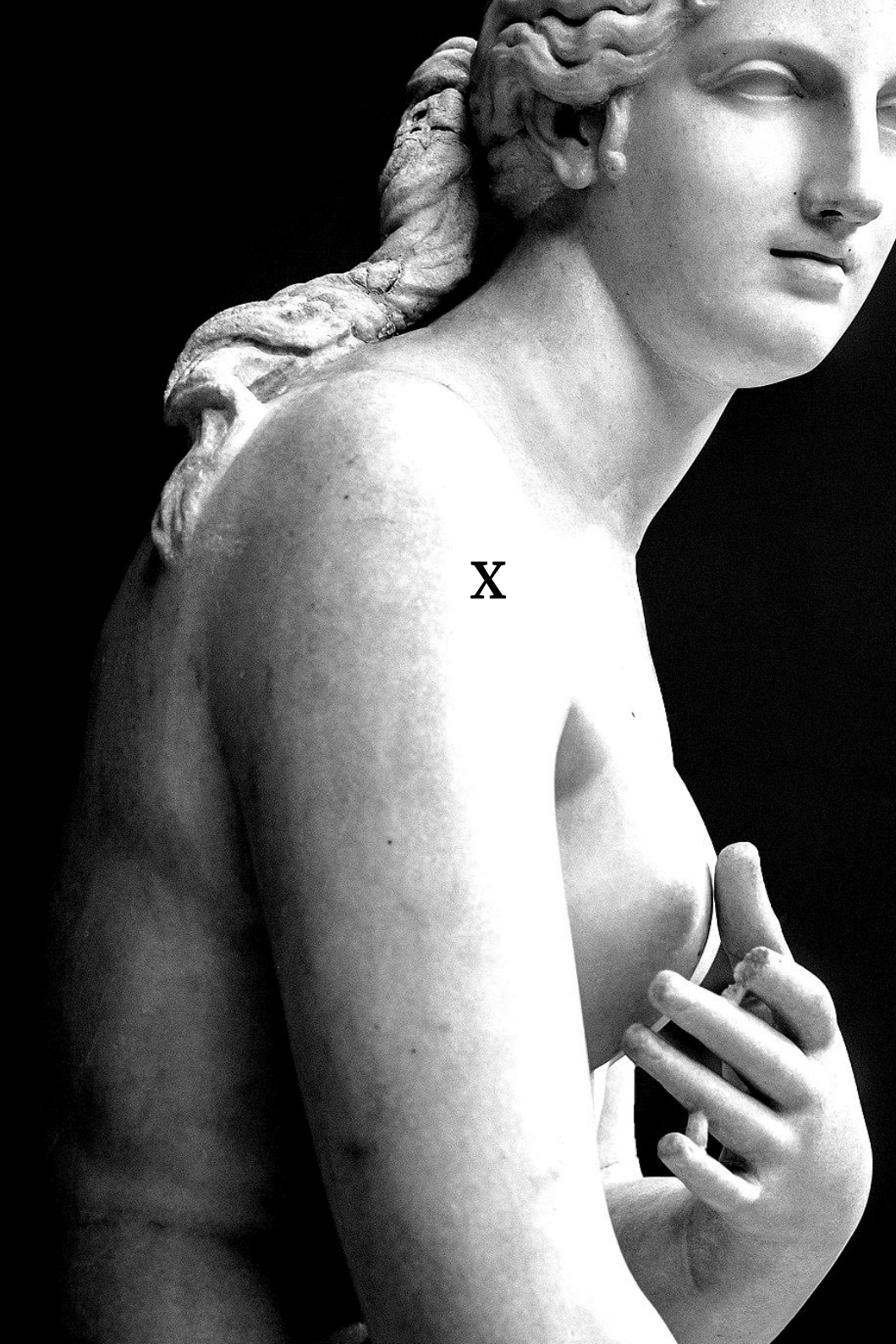
Úrsula estava transtornada, era evidente. Como ela permaneceu em silêncio, olhando com ódio para Brenda, a governanta apertou mais uma vez sua pulseira, e outra unidade médica chegou rapidamente no local.

— Acredito que tenha razão, Úrsula — ela disse, aproximando-se do berço. — Você precisa realmente descansar por hoje.

Úrsula sentiu um arrepio na nuca quando a governanta se aproximou de seu filho, mas não pôde fazer nada. Uma injeção com calmante foi administrada em seu braço sem o seu consentimento. Caiu sentada na cama, grogue.

— Não se preocupe, querida — disse Brenda, calmamente, com Marcelo nos braços, ninando-o. — Tudo vai ficar bem.

Úrsula revirou os olhos e caiu para o lado. Algumas moscas se afastaram dela e acompanharam a governanta e a unidade médica para fora do quarto, deixando para trás a mãe do jovem se esvanecer para um abismo profundo direto para os braços de Morpheus e o seu encontro com o passado longínquo que havia, há muito tempo, esquecido, pois parecia ser algo de outra vida...



X

NUMA RODA de amigas, em uma das boates mais badaladas de São Paulo, estava reunido um grupo de cinco mulheres, todas tão belas quanto a própria deusa Afrodite e tão superficiais quanto à ética da nova sociedade. Cabelos loiros, castanhos e pretos. Olhos verdes e azuis. Rostos rosados, peles sem máculas. Conversavam trivialidades como se fossem adolescentes, mesmo já beirando os trinta anos.

Do outro lado, um homem, um verdadeiro Adônis, observava o grupo com atenção, mirando com mais intensidade uma das mulheres. Os seus olhos azuis aveludados não desgrudavam do olhar penetrante e verde da Úrsula, que, fingindo-se tímida, dançava graciosamente enquanto conversava e sorria com as amigas. Sabia que cativara a atenção do homem e desejava mantê-lo assim: provocava-o sem sensualizar, sem precisar recorrer à sexualidade. O olhar era suficiente para hipnotizá-lo. Ele sorria e levava o copo de uísque à boca.

Resolveu tomar atitude e se aproximou.

Não tinha vergonha, mas decoro não lhe faltava. Tomou Úrsula cordialmente pela mão e a convidou para dançar, o que aconteceu instantes depois. Tocava um rock suave, *Go Again*, da banda

australiana *The King of Salt*, então ambos se aproximaram e dançaram juntos.

Não trocaram uma palavra qualquer, quiseram apenas sentir o corpo um do outro. Ouvir os corações batendo ao ritmo da melodia ambiente. Sorriam sempre que afastavam o corpo um pouco e se olhavam cara a cara. Havia cumplicidade mesmo o casal sequer sabendo o nome um do outro.

Sentaram-se para tomar algo assim que a música terminou de tocar. O nome dele era Arthur. Contou à mulher que era cientista e trabalhava ali por perto, na Corporação Bartzen, uma instituição visionária que buscava cura para diversas doenças que o projeto Ozymandias ainda não tinha conseguido abolir completamente. A corporação tinha um grande contrato com o Governo sobre o qual não podia falar nada, era tudo muito secreto.

— Mas... — ele disse jovialmente. — Vamos deixar assuntos de trabalho para lá. Sabe, estou me programando para rodar o mundo. Talvez, em algum lugar mais afastado. Um lugar como São Gabriel...

— São Gabriel? — Ela surpreendeu-se. — Por quê? Você sabe que o Nordeste agora é o melhor lugar para desenvolver qualquer tipo de

pesquisa. Eles estão cada vez mais avançados em qualquer área que a empresa para qual trabalha possa estar interessada. Ouvi dizer que eles estão perto de erradicar a Síndrome de Down...

— Ora, e isso é bom?

Úrsula pareceu chocada.

— Claro que é! Uma anomalia é uma...

— Na verdade, a Síndrome de Down não é uma anomalia genética, muito menos uma doença. Pelo contrário — ele abaixou a voz, mesmo que, com a música, ninguém pudesse ouvi-los —... Ela é o nosso próximo passo da evolução humana, ou seria, se não tivessem sido perseguidos os bebês e exterminados da face da Terra quando nasciam assim...

— Você enlouqueceu! — Ela abaixou o tom de voz após essa exclamação. — É uma doença! Só afeta os...

— Bobagem! Qualquer um pode nascer com a Síndrome de Down. Não importa nada, nenhum fator, simplesmente acontece. A única diferença entre eles e nós é que têm um par de cromossomos a mais do que os outros seres humanos. Embora não possam se comunicar da forma como nos comunicamos, ou que achamos "normal", são capazes de fazer tudo o que fazemos. Tenho certeza que

alguns conseguem fazer até melhor. Isso se não fossem os chips...

— Chips? Está falando de salgadinho?

— Não! — ele riu, com aquele sorriso encantador que a conquistou ali, naquele momento. Honestamente, a mulher não estava nem aí para o que ele estava falando, só queria que ele continuasse e que sorrisse de vez em quando para ela ver aquelas covinhas. — Estou falando dos chips que foram implantados nas pessoas. Hoje em dia, é colocado junto com a primeira vacina que você toma. Você sabe, certo?

— Sim... — Não, ela não sabia. E nem se importava.

— Esses chips, que muitos acham que é apenas uma teoria da conspiração do governo, são reais. Sua função é regularizar todos os nossos genes e cromossomos. Basicamente, eles estão tentando erradicar as "anomalias" genéticas que não são anomalias. Por isso existem tantos casos, e por isso a corporação... — Ele colocou a mão na boca. — Opa, falei demais. Enfim... eu só queria provar que a Síndrome de Down não é uma doença. Que ela deveria ser permitida e estudada a fundo. Sabe-se lá o que pode acontecer se permitirmos que o próximo passo da evolução aconteça de verdade, e

não esse falso passo da humanidade que, nada mais é do que um passo desesperado para lutar contra a evolução...

Úrsula se calou por um momento e sorriu com o canto da boca. Ele estava certo. Ou achava estar.

Ela praticamente teve que calá-lo com um beijo e arrastá-lo até sua casa. A única coisa que ele não parava de falar era sobre genes, cromossomos, síndromes e algo sobre ruivos. Nesse momento, ela o silenciou para valer, e suas divagações de cientista foram substituídas por suspiros de prazer.

XI

ÚRSULA DESPERTOU, assustada. Estava encharcada, ofegante e no escuro. O que mudou rapidamente. Havia um sensor, algo moderno para aquela casa, que identificou o seu despertar e o ambiente foi iluminado gradualmente. Ela olhou para o berço, e ali estava, dormindo calmamente, Marcelo, seu primogênito.

Olhou assustada para a porta. Imaginou que Brenda houvesse entrado repentinamente ali e tivesse tentado, de alguma forma, dominá-la. Ela suspirou. Não havia nenhum bicho-papão dessa vez. Então se lembrou de Cintia e sentiu pena da pobre mulher. O que será que tinha acontecido com ela?

Ela olhou para um dos antigos relógios da propriedade e viu que eram quatro horas da manhã.

Embora fosse extremamente cedo, sentiu-se desperta e descansada. Resolveu tomar um banho. Não viu mal nenhum nisso. Marcelo estava bem e, na medida do possível, seguro. Mesmo que aquela governanta estivesse por aí maculando o rosto e a memória de sua irmã.

Ela esfregou o rosto. Havia várias explicações para a ansiedade e o desespero de Úrsula, mas, para a sua sanidade, ela apenas focou em uma

explicação para essas estranhas coincidências, deja-vù e sensação de estar sendo observada o tempo todo: estava cansada do parto, da anestesia e de todo o estresse e ansiedade que estava sentindo ao esperar a resposta do seu sobrinho. O destino do seu filho dependia dele, assim como o seu. Ela não sabia o que faria se ela perdesse o Marcelo, assim como perdeu Arthur.

Resolveu digerir tudo isso com um relaxante banho de banheira. Algo que ela não fazia há anos.

A temperatura da água saiu perfeita. Nem muito quente e nem fria. Assim como todas as outras coisas naquela casa ou na sociedade, as pessoas gostavam de perfeição. Úrsula pensou em quantas vezes foi preconceituosa ou concordou com as pessoas apenas para não contrariar a sociedade. Pensou em como o mundo era hipócrita, no quanto ela tinha sorte de ter uma vida abastada enquanto outros morriam de fome pelo mundo. Era verdade, ainda existiam muitas partes do mundo onde o domínio do Governo não tinha chegado. As pessoas continuavam a se proliferar como coelhos e não havia qualquer tipo de controle. Ainda nasciam aberrações...

Ela olhou para o berço do seu filho da porta do banheiro.

Chorou. Não era possível que, mesmo com um filho a poucos metros de si, ainda conseguisse ter tais pensamentos. Ela mesma era uma daquelas revoltosas que tanto menosprezava ou escolhia ignorar. Diferente de Arthur...

Arthur! Ela se lembrou do sonho que acabara de ter. Não apenas um sonho, mas uma memória, uma memória que resolveu ignorar naquele momento, pois era outra pessoa. Agora, ela podia perceber a gravidade daquele assunto. A importância do que o seu marido estava fazendo. Talvez sua morte não tivesse sido...

Um apito chamou sua atenção. A banheira estava avisando que chegara ao nível ideal de água. Ela desligou a torneira e ficou observando as gotas caírem da torneira e fazerem ondulações na água.

Não poderia ser uma coincidência. Arthur tinha ideias revolucionárias, mesmo que ela ignorasse naquele momento. E ele morreu de uma forma que poucas pessoas morrem nos dias de hoje, com pilotos automáticos e vários dispositivos de segurança. Ela nunca tinha parado para pensar em nada daquilo. Começou a reparar no quanto era fútil. A sua aparência era apenas um reflexo do seu interior, assim como sua débil vida. Ao olhar para o seu reflexo na água, não se

reconheceu mais. Viu apenas um vazio que ela já não sabia mais o que fazer, como preenchê-lo. Havia apenas o amor pelo seu filho, isso ela conseguia compreender. O amor era a sua bússola no momento. E ela faria tudo para proteger o seu filho a qualquer custo.

Enquanto se despia, Úrsula entrou na banheira e mergulhou nos seus sentimentos a tanto tempo negligenciados. Chorou copiosamente, tentando abafar o som com as mãos ou embaixo da água. Sentiu uma falta absurda do seu marido, sentiu uma tristeza enorme por estar naquela situação. Seu filho não tinha culpa de nada e estava para entrar em uma das batalhas mais difíceis que o mundo moderno tinha para oferecer: o ser humano versus o Governo. Uma batalha pela sua humanidade e pela sua vida.

Úrsula conseguiu se acalmar depois de um tempo. Por um momento, ela se concentrou na tarefa que tinha pela frente. Uma mosquinha pousou na beirada da banheira. Ela ficou olhando para aquele inseto e ficou pensando em como ele tinha sorte. Não tinha problemas e, muito menos, preocupações...

Um pequeno flash de luz a incomodou. Será que...? Ela se aproximou da mosca, havia algo...

— Úrsula!

Brenda surgiu na porta e a assustou. Ela soltou um grito. Marcelo começou a chorar. A mosca saiu voando para longe.

— Que susto, Brenda! — exclamou, irritada.

— Perdão, Úrsula — disse Brenda, sem mostrar arrependimento. — Achei que tinha ouvido algo e quis saber se estava tudo bem. Que bom que está relaxando um pouco.

— Por favor, me deixe sozinha.

— Claro, mas, antes, eu devo dizer. Vou servir o café da manhã mais cedo, pois Francisco tem um veredito.

Úrsula arregalou os olhos. Ela esperava que tivesse mais tempo. Esqueceu-se completamente do susto e todas as suas preocupações. Queria só abraçar seu filho e mostrar todo o amor, suporte e carinho que ela podia, enquanto podia.

— Obrigada, Brenda — murmurou, incrédula.

Brenda a deixou sozinha, absorta em seus pensamentos.

Úrsula saiu da banheira, enxugou-se e foi até o seu filho, que havia parado de chorar. Quase deu um grito ao perceber que a criança não estava

lá. Ao olhar para trás, seu filho estava nos braços da Brenda.

— Não se preocupe, Úrsula — ela disse, com aquele sorriso que estava cada vez mais assustador para Úrsula. — Vou cuidar bem do seu filho para que você possa se arrumar e se preparar para a chegada de Francisco.

Inconscientemente ela saiu correndo na direção da governanta com uma raiva exacerbada. Brenda apenas fechou a porta e uma trava foi acionada. Úrsula socou a porta, mas não adiantou nada. Os passos da governanta ecoaram pelo corredor, assim como uma canção de ninar.

— Devolve meu filho! — exclamou, com raiva.

Úrsula chorou, desesperada e se sentindo sufocada. Sentiu uma dor terrível no peito, uma ansiedade forte. Ela compreendeu que era uma prisioneira não só de todo um sistema, como, também, em sua própria casa, no lar que seus pais criaram para ela. Era prisioneira de um legado que não começara naquele momento, veio lá de trás, com seus antepassados e com as pessoas que segregaram a sociedade só para ter lucro, status e mais um monte de coisas mesquinhas e egoístas.

Soltou um grito, pegou um relógio antigo que estava na cômoda e atirou contra um espelho.

XII

ÚRSULA NÃO conseguiu comer nada no café da manhã. Brenda estava com seu filho nos braços e, por algum motivo, parecia querer mantê-lo longe dela, embora estivesse cuidando muito bem dele e não parecesse querer fazer mal ao bebê.

Ela ignorou completamente toda tentativa de conversa que Brenda tentava iniciar. Estava furiosa e sabia que não podia fazer nada exceto esperar. E as horas estavam passando lentamente. O único som na sala de estar era os dos sorrisinhos de Marcelo. Ocasionalmente, o barulho do relógio e o som das moscas voando pela sala. Algo que estava irritando profundamente Úrsula, nas últimas horas, desde que achou ter visto algo na banheira.

— Não vai conversar comigo? — perguntou, Brenda. — Nem um pouco?

—...

— Oh, Úrsula. Nós só queremos o melhor para você e para a criança. Você precisa começar a entender que o Governo quer o melhor para vocês. Marcelo não está reclamando, vê?

—...

— Garanto que o Governo só quer o melhor para vocês. No momento em que Francisco chegar e der o veredito, não impor qual seja, acredito que poderemos ser grandes amigas.

—...

— Por favor, você está sendo infantil... me faz lembrar quando você queria tanto aquele último sorvete de morango, mas ficou irritada quando eu me diverti mais com o de creme do que com o de moran...

Brenda arregalou os olhos mais uma vez, como da última. Calou-se.

— Como você...

— Tia! — exclamou Francisco, no momento em que entrou na sala. — Como está a estadia?

— Francisco — Úrsula o cumprimentou com a cabeça.

— Olá — cumprimentou Brenda, sorridente. — Estávamos à sua espera. Estávamos conversando...

— Imagino que sim... — Ele olhou diretamente para sua tia. — Existe algo que a está incomodando, tia?

Úrsula precisou de muita força de vontade para responder isso de forma polida:

— Claro que não, está tudo *bem*.

Francisco balançou a cabeça, num trejeito que ocultava desapontamento que Úrsula não percebeu.

— Qual é o veredito?

— Oh! — Ele riu um pouco, antes de se sentar em uma poltrona. — Direto ao ponto. Achei que íamos...

— É o meu filho, Francisco. Minha vida que estranhos estão decidindo.

— É o Governo.

— São pessoas. Pessoas que escolhemos para estar lá. Pessoas que, na verdade, nem foram escolhidas por mim, já que se passaram décadas sem votação. Uma minoria que controla a maioria e os extermina quando quer.

— Tia, não acho que seja...

— Qual foi o veredito?

Um silêncio desconfortável percorreu a sala na qual George trouxe chá sintético e Francisco se serviu. Úrsula acompanhou cada movimento dele com os olhos, atentamente, fuzilando-o com expectativa, ódio e ansiedade.

— Bom... — Ele tomou um gole do chá. — Não foi uma decisão fácil. Eles querem fazer um monte de testes com o Marcelo... Calma, deixe-me terminar... Assim que ele tiver idade suficiente para fazê-los sem feri-lo. Ele estaria prestando um serviço para o Governo, e, por isso, seria valioso para o bem da raça humana. Eu consegui convencer o Governo que ele seria uma mensagem

forte e definitiva para todas as pessoas, que seria útil de alguma forma. As condições virão depois, tia, por escrito e discriminadas, mas é basicamente isso. Você pode ficar com o Marcelo... até os testes terminarem.

Úrsula baixou a guarda. Seus olhos imediatamente se encheram de lágrimas.

— E depois o quê? — ela perguntou, inclinando-se para frente, olhando diretamente para os olhos do sobrinho.

— Se ele for uma ameaça para a sociedade, deverá ser abolido, como todos os outros foram. Se não, ele poderá existir, como agradecimento pela sua contribuição para o Governo, desde que não saia desta casa ou tenha contato com o mundo exterior.

— Ou seja, ele ficará preso.

— Claro que não, tia. Não consigo ver como este palácio possa se comparar a uma das celas de nossas detenções.

— Até quando ele estará vivo?

— Como assim?

— Até quando vão mantê-lo vivo para enviar para o abatedouro?

— Tia, que isso? Não fale assim...

Úrsula se pôs de pé.

— Essa mulher — ela apontou com raiva para Brenda — tem mantido meu filho longe de mim. Eu me sinto em uma prisão sendo guardada por um monstro que está querendo, assim que você der a ordem, matar o meu filho!

— Não, não, não... Por favor, se acalme, tia. Não é nada disso, você entendeu errado...

— É?! O que eu estou entendendo errado aqui? Ela simplesmente desaparece com uma empregada que tentou me avisar alguma coisa e depois...

— Olá, senhora.

Úrsula olhou para trás, e lá estava Cintia. Ela deixou uma lágrima rolar. Aproximou-se da empregada e acariciou seu braço.

— Você está bem? — ela perguntou, emocionada.

— Eu estou, senhora. Obrigada por se preocupar comigo — agradeceu Cintia com um sorriso simpático.

— Então... — Ela se voltou para Francisco.

— Sim. — Ele confirmou. — Você não está presa a nada, tia. Isso não é uma prisão. Ao contrário. É uma segunda chance que o Governo está permitindo que você tenha para que possa fazer um bem maior. Marcelo não será uma cobaia em

experimentos aleatórios, nós queremos determinar seus genes defeituosos e poder ajudar outras pessoas. Talvez descobrir o que acontece para as crianças nascerem assim. Conseguir eliminar toda essa falha genética.

—...

— Nós somos os mocinhos, tia. Não queremos fazer nenhum mal. Só queremos o que é melhor para todos. O Governo quer o que é melhor para todos...

— Você soa cada vez mais como uma propaganda, Francisco.

—...

— Está bem, eu vou tentar seguir o que o Governo diz, mas com uma condição.

— Qual?

— Que aquela mulher — ela apontou para a governanta — nunca mais chegue perto do meu filho ou de mim, para que eu possa cuidar e criar ele da forma devida.

— Tia, isso é exagero da sua parte, Brenda é uma ótima governanta. Ela tem referências impecáveis e...

— Minha decisão, Francisco. É o que eu quero, se é que ainda existe algum livre-arbítrio nessa vida, e eu estou usando-o agora. Ou o

Governo decidiu que é ela quem tem que cuidar da *minha* casa ou do *meu* filho?

— Tia, sou eu quem tem cuidado da casa de *nossa* família.

— Muito obrigada, não esquecerei disso.

— E Brenda trabalha para mim, não para você ou para o Governo.

— Então por que não a leva para a sua casa?

Francisco passou a mão nos seus cabelos perfeitamente penteados. Seu chá já estava frio. Brenda cuidava do bebê como se não houvesse nada a ver com ela. Estava indiferente com tudo o que acontecia ao redor. Nem as moscas que pousavam perto do sofá importunaram ela ou a criança. Cintia já havia se retirado, junto com as louças para lavar, no momento em que percebeu que haveria uma discussão em família.

— Você está sendo muito ingrata, tia — disse Francisco. — O bebê já era para ter sido abolido há muito tempo. Se não fosse por mim...

— Se não fosse por você, Francisco, não haveria necessidade de nada disso. Você representa a instituição e os seus interesses hediondos que amedrontam e assombram toda a sociedade.

— Eu não sou o Governo!

— Não importa. Se você está com eles, você faz parte dele. Você é inteligente, sabe muito bem sobre a banalidade do mal.

— Essa filósofa é proibida!

— Ah, então sabe que é de uma filósofa como?

— Brenda, por favor, nos dê licença — ordenou Francisco, em tom autoritário, sem tirar os olhos de sua tia.

Sem hesitação, Brenda se levantou e saiu dos aposentos. Curiosamente, as moscas foram, junto com ela, atraídas pelo cheiro de comida, que veio ao abrir a porta - o almoço estava sendo preparado. Úrsula se conteve para não olhar seu filho sendo afastado dela, mas não podia fraquejar naquele momento. Era extremamente difícil para ela encarar o seu sobrinho. Sentia que seu coração ia rachar a qualquer momento, que estava fazendo algo errado, mas ela, como professora e conhecedora da História do Governo, sabia muito bem que, se fraquejasse naquele momento, seria dominada, seria dobrada. Precisava ser firme e aguentar com unhas e dentes, pelo seu filho, pelo Marcelo e, talvez, pelo destino de outros tantos bebês.

Por um momento, ela achou que ele iria agredi-la ou ser rude, mas, pelo contrário, ele foi o mais calmo e polido que antes:

— Eu entendo sua dor, tia. Acredite, eu me esforcei muito para convencer o Governo que o melhor a fazer é dar uma chance para o Marcelo. Estou colocando em risco minha carreira e a minha vida, pois posso ser visto como um revolucionário por fazer isso. A lei é clara. Ele já deveria estar abolido, mas, como você bem disse, ele é da família. E a Brenda é a mais qualificada para cuidar dele. Por favor, dê uma chance para mim e para o Governo.

Úrsula suspirou. Ela não tinha escolha.

— Está bem, Francisco, está bem — ela concordou. — Mas não espere que eu fique parada enquanto meu filho ainda corre risco de vida. Se precisar, me torno a maior revolucionária que o Governo já viu.

Francisco riu.

— Espero que não cheguemos a esse ponto. Agora, acredito que o almoço seja servido em breve, e acho que eles não se importarão de colocar mais um prato na mesa.

Úrsula olhou para o sobrinho e sentiu muita tristeza, pois ele estava escondendo algo dela. E ela descobriria, mais cedo ou mais tarde, o que estava

acontecendo de verdade. O Governo jamais permitiria que uma criança ruiva e com Síndrome de Down fosse liberada impunemente. Muito menos para testes e exames. A chave para tudo o que estava acontecendo parecia girar em torno do seu marido e de sua morte. Cada vez mais, ela percebia que não foi um acidente e que tudo o que estava acontecendo não era ao acaso. Fazia parte de um plano maior... e ela não mediria esforços pra descobrir o que era.

— Obrigada, Francisco.

— Por nada, tia. Tenha um pouco de fé. Nós sabemos o que é melhor para você.

Ela duvidava disso, com todas as suas forças. Aquele agradecimento estava selando as portas da prisão em que ela foi colocada. Talvez, por isso, Gabriel estivesse daquele jeito, talvez os deja-vùs não fossem só deja-vùs...

..

XIII

OS DIAS não passavam na fazenda. Era uma tortura ter de se trancar entre as paredes de madeira e cuidar do Marcelo enquanto ele crescia. Dia após dia Úrsula se via cada vez mais infeliz. A ausência da cidade, das turmas que ensinava e das amigas só fazia lhe doer ainda mais o coração.

Ela passou a sentir falta de tudo isso, após se acostumar com a nova rotina. Embora fosse cada vez mais difícil olhar na cara de Brenda. A governanta parecia estar, o tempo todo, observando cada um dos seus movimentos com atenção. Cintia mudou drasticamente e nunca mais dirigiu a palavra para Úrsula. Foi difícil, mas ela acabou conhecendo Vanderlei, o jardineiro, Sonia, Valéria, Maria e Horácio. Junto com Cintia e George, formavam os sete empregados e empregadas que administravam a fazenda sob a supervisão de Brenda. Era difícil vê-los, pois eles pareciam desaparecer nos corredores da casa, mas estavam sempre lá, limpando, arrumando, cozinhando e cuidando de tudo. Era assim, em sua maioria, que eles preferiam, ser vistos como fantasmas. Fantasmas do capitalismo exacerbado que os obrigava a se resignar numa posição quase esquecida pela sociedade.

Francisco também parecia um fantasma, não aparecia quase nunca na fazenda, depois

daquela intensa conversa que ele teve com sua tia. Aparecia uma vez por mês; às vezes, duas, para ver como estava a criança e para ter certeza que não haviam fugido. Úrsula sabia que ele recebia relatórios da governanta todos os dias. De alguma forma, ainda se sentia invadida, vigiada e observada sempre, mas não sabia como.

Nesses primeiros cinco meses, Úrsula se recuperou do parto e tentou entrar em contato com Gabriel, mas parecia extremamente difícil qualquer comunicação não supervisionada pela governanta. Dentro desse período, Úrsula, também, constatou que o filho era, como todas as outras crianças, normal, exceto por uma cardiopatia que precisava ser monitorada constantemente e de exercícios, estímulos e acompanhamento para auxiliar no seu desenvolvimento. Conseguiu descobrir isso instintivamente, e por algumas lembranças que tentava forçar a se lembrar de tudo o que Arthur dizia sobre o assunto. Fora isso, só precisava de afeto e cuidado. Arthur estava certo, não havia nada de errado com pessoas que tinham Síndrome de Down.

Amamentava-o com frequência até mesmo exagerada, pois não gostava da ideia de Brenda com seu filho. Ela parecia tentar se aproximar

muito dele o tempo todo, sempre de olho. A ideia de vê-lo crescer tranquilo amenizava a sua alma, mas a visão de ver Marcelo trancado em casa, privado de sair mundo afora, como os jovens costumam fazer, soava como uma dolorosa facada em seu peito. Tinha convicção de que, se isso não acontecesse, caso ele sobrevivesse quando atingisse a idade suficiente para fazer os testes, mais cedo ou mais tarde, alguém encontraria o corpo dele mergulhado na lagoa que contemplava no horizonte. Não porque o Governo o abolira, mas porque ele não suportaria a ideia de ficar preso em casa. Dava para notar, ou era assim que Úrsula queria ver, que a criança era um espírito livre. Feito para mudar o mundo e fazer coisas maravilhosas, se lhe fosse dada a oportunidade.

Precisou recorrer a tranquilizantes para que a depressão não tomasse conta do seu corpo. Alívio momentâneo. A alegria de outrora foi restaurada no mesmo momento em que as pílulas entraram em contato com sua corrente sanguínea. Uma cortesia de sua mãe, que tinha um esconderijo secreto onde guardava seus remédios para aturar seu pai. Se ela não os tivesse acompanhado até a fazenda, naquele verão da sua infância, jamais saberia disso e que, ao longo dos anos, ninguém jamais pensaria

em procurar algo num fundo falso na cabeceira da cama.

Uma batida suave na porta chamou a sua atenção:

— Quem é?

— Sou eu, Brenda.

Sem esperar uma resposta, a porta se abriu e a governanta apareceu, sorrindo, amigavelmente.

— Vim convidá-la para uma caminhada pela fazenda. Quem sabe, poderíamos...

— Não estou disposta — retrucou, indiferente. — Farei os exercícios com Marcelo, em breve...

— Eu sou sua amiga, Úrsula, deveria ter percebido isso...

Ela não estava mais escutando. Alguns minutos depois, Brenda desistiu e fechou a porta do quarto.

Úrsula escorregou para o chão, ao lado do berço do filho, e começou a chorar. Lembrou-se dos momentos agradáveis ao lado do Arthur, de tudo o que planejaram. Lembrou-se da viagem louca que seu marido havia insistido para que ela fosse com ele, em busca de um suposto ruivo, que jamais encontrariam. As lembranças vieram com

força, como um leão que ataca um veado na floresta, e estraçalhou o seu íntimo. Questionou-se o motivo dessa pesquisa idiota ser tão importante. O que Arthur diria se ainda estivesse vivo e visse que o próprio filho nasceu com a condição que tanto queria entender?

Com a face úmida e iluminada pelos raios de sol, Úrsula se debruçou sobre o berço de seu filho. Ele estava maior, seus cabelos ruivos estavam mais evidentes e, para a sua alegria, seu sorriso também estava maior. Ela não pôde deixar de sorrir com aquela imagem. Como alguém poderia querer fazer mal a uma criatura dessas? Como alguém poderia matar um ser inocente que não possuía uma doença, que era apenas diferente...? Ela afastou, num gesto automático, uma mosquinha que estava sobrevoando seu filho.

— Vou protegê-lo, meu filho. Ainda vou ver você crescer e vou te ensinar tudo o que eu puder sobre a nossa história e como viver naquele mundo lá fora. Eu vou...

Foi nesse momento que Úrsula teve uma ideia, uma ideia desesperada e avassaladora. Secou imediatamente suas lágrimas e começou a trabalhar incansavelmente num plano. Seu filho era o

seu legado, mas ela ainda iria criar um futuro para ele.

Pegou seu computador na mochila e, tendo certeza que nem as moscas estavam observando, correu para o banheiro. Leu atentamente, duas vezes, todas as condições que o Governo impunha para o seu filho. Ele seria examinado completamente quando obtivesse doze anos, isso não apresentaria riscos para ele ou o experimento e garantiria "um período de testes para ver se ele tem capacidade de sobreviver por doze anos, mesmo com sua fraqueza". Ela bufou nessa parte. Teve que fazer um esforço tremendo para não revirar seu estômago com todos os absurdos que eles estavam falando. Cada vez mais, Úrsula detestava o Governo.

Quando terminou de ler, desatou a digitar ferozmente todas as ideias e planos mirabolantes que apareceram em sua mente. Cedo ou tarde, iria descobrir uma forma de salvar seu filho, custasse o que custasse. Tudo que ela precisava era esconder tudo de Brenda e fazer o possível para que o menino sobrevivesse aos testes. Essa era a parte fácil. Difícil seria aturar aquela mulher por todo o tempo que precisasse, mas ela o faria, pelo seu filho. Pelo seu legado.

XIV

EMBORA ÚRSULA se recusasse a atender quem quer que fosse em seus aposentos, os empregados continuaram a fazer suas funções sem se intrometerem em sua vida. Ela achava interessantíssima a forma como os empregados apareciam e desapareciam sem serem notados pela casa. A rotina de trabalho era sempre a mesma, era como se ninguém morasse ali, apesar de todos os funcionários saberem que a Úrsula se alimentava regularmente e ela reparasse que eles sempre iam e vinham com liberdade, ignorando portas e paredes. Isso seria útil, um dia.

Ela continuou escrevendo seus planos secretamente, escondida de tudo e todos. Continuou observando os empregados, suas idas e vindas. Analisou cada movimento de Brenda. Percebeu um padrão, sim, depois de passar muito tempo e toda uma rotina. Só precisava de mais tempo e paciência...

Dessa forma, os meses se passaram, transformaram em anos e Marcelo cresceu forte. Os olhos eram esverdeados como os da mãe, mas o sorriso, mesmo com os primeiros dentes nascendo, eram iguais aos do pai. Embora tenha sido um bebê que raramente chorava, Marcelo, mais jovem, deu muito trabalho, pois, por volta dos

quatro anos de idade, precisou de cuidados médicos e uma cirurgia de emergência no septo. Isso o debilitou por alguns meses, enquanto se recuperava, mas, após o seu quinto aniversário, ele começou a rir com mais frequência, ficou mais forte e fazia com tamanha emoção e alegria que Úrsula deixou de ser rendida pelo tédio e a ter necessidade dos remédios escondidos de sua mãe, que já estavam no fim, mesmo com ela economizando ao máximo possível. Estava feliz, outra vez.

Embora Marcelo fosse animado, era um pouco mais lento do que as crianças da idade dele. Desenvolveu-se mais rápido do que se esperava, mas, ainda assim, mais lento. Úrsula adorou perceber que ele tinha interesse em esportes, queria correr, pular e brincar, mesmo com as limitações. Aprendeu a cavalgar sozinho, mesmo com a ajuda de Horácio para poder subir no cavalo. Marcelo parecia nato naquela atividade. Embora fosse difícil a comunicação e tirar algumas ideias quando ele colocava na cabeça, Marcelo tinha uma vitalidade incrível após a cirurgia e uma curiosidade sem fim. Muitas vezes Úrsula o encontrava explorando a orla do bosque, do lago ou dos estábulos. Não havia um canto da fazenda a que ele não quisesse ir, com ou sem permissão. Brenda não gostou muito, no

começo, da agitação da criança. O que agradou a Úrsula.

E foi assim até ele completar doze anos, a idade estipulada pelo Governo para que ele fosse testado.

Naquela manhã fria de fevereiro, Úrsula despertou bem cedo para acordar o seu filho antes que os empregados despertassem, antes que Brenda os chamasse para o café da manhã.

Marcelo havia se tornado um jovem. Com cabelos ruivos rebeldes, muito parecidos com os do pai, exceto pela cor. Tinha um pouco de sardas, mesmo que fraquinhas, destacando seus olhos levemente puxados nas laterais e grandes. Essa era a diferença dele para as outras pessoas. Os olhos, a cor do cabelo, a separação um pouco maior nos dedos, seus lábios, que ela conseguiu corrigir um pouco com os estímulos e cuidado, e a forma como olhava o mundo. Às vezes apático, outras tão profundo e sentimental. Era difícil estabelecer uma conversa com ele, embora fosse muito inteligente e uma pessoa comum igual a todas. Com necessidades, sentimentos e sonhos.

— Oi, mã-mãe — disse Marcelo, com sua voz levemente destoante. — Bom dia.

— Bom dia, querido — cumprimentou Úrsula com um sorriso. — Você sabe que dia é hoje?

— Sei, sim. Hoje é o meu a-aniversário!

— Isso mesmo, querido! E a mamãe tem um presente especial para você.

Ele comemorou, sorridente. Saiu da cama e abraçou sua mãe com muita força e carinho.

— Venha. Não conte para ninguém, é um segredo.

Marcelo sorriu e colocou o dedo na boca, fazendo sinal de silêncio. Úrsula o conduziu para o seu cantinho secreto, onde se escondeu nos últimos anos, depois que a Brenda quase confiscou seu computador no banheiro. Ela havia encontrado uma porta dentro do armário de sua mãe, um lugar que era utilizado pelos empregados e que fora fechado pelos seus antepassados, provavelmente para se ter mais privacidade. Isso criou um quarto secreto, ao qual ninguém tinha acesso, exceto para quem entrava no quarto e no closet. Úrsula descobriu que eles acabaram achando outro meio de entrar no quarto, por outros corredores nas paredes. Elas não eram largas à toa.

Ali, após abrir a porta, revelou um pequeno escritório. Em cima de uma mesinha improvisada nas madeiras emboloradas da parede, Úrsula

mostrou um embrulho retangular, pequeno e com uma enorme fita vermelha.

— No fim do dia, quando todos estiverem dormindo, você poderá vir e abrir o seu presente — explicou Úrsula. — Eu o fiz com todo o carinho do mundo, meu filho.

— Por que eu não posso ablir agora? — perguntou Marcelo, apontando para o presente.

— Porque não é a hora certa.

— Ah... depois então, de noite. Tá bom, m-mãe. Entendi, entendi...

Ela fechou a porta e puxou as roupas para ocultá-la. No momento em que fechou a porta do closet, Brenda bateu à porta.

— Está na hora do café da manhã — disse, sem abrir a porta. — Hoje é o grande dia!

Úrsula acompanhou seu filho até a mesa onde era servido, todos os dias, o café da manhã. George colocou uma fatia a mais de bacon para Marcelo, seu favorito, e mais um pouco de ovo mexido. O garoto ficou tão contente que o abraçou. Ele não estava esperando por isso, sentiu um aperto no coração e se esforçou muito para conter as lágrimas. Todos estavam sussurrando e murmurando dentro das paredes e nos seus aposentos:

hoje era o dia em que Marcelo seria levado para fazer os testes.

Os empregados, no primeiro momento, acharam o garoto estranho. Não gostaram, pois era diferente de tudo o que já haviam visto e era contra toda a sociedade. Independente das instruções e obrigações impostas por Francisco e por Brenda, das quais Úrsula e o jovem Marcelo estavam completamente alheios, os empregados começaram a segui-las sem haver necessidade de serem impostas. Gostavam genuinamente do garoto. Via-se pela forma como o tratavam, pela forma como o olhavam e estavam atentos, sempre dispostos a socorrê-lo ou ajudá-lo caso precisasse. Não havia como não gostar do garoto. Ele era honesto, íntegro e tão ingênuo que seu coração enorme transparecia e perfurava as camadas de frivolidade, apatia e mesquinhez na qual o mundo tinha mergulhado séculos atrás. Se existissem mais pessoas como Marcelo, com certeza o Governo perderia muito do seu poder. Afinal, para que ser um Governo autoritário e que quer abolir pessoas como o Marcelo, se não havia nada de errado para eles "corrigirem"?

Sentiam muito a partida, em breve, do garoto. Todos estavam apreensivos, exceto Brenda e

o próprio Marcelo. Este comia alegremente seu café da manhã, com voracidade. Agradeceu mais um monte de vezes pelo café da manhã, antes de Francisco chegar e roubar o ar dos pulmões de George. Maria veio ao seu resgate e retirou as louças, ajudando-o a se afastar de Francisco. O empregado sentiu um asco tão grande daquele homem, que Maria pressentiu que ele seria capaz de socá-lo ali mesmo. Um crime contra o Governo sentenciando, imediatamente, à morte por traição e rebeldia.

— Bom dia — disse Francisco, sentando-se à mesa.

— Bom dia, plimo! — exclamou Marcelo, feliz. — Hoje é meu aniversário, sabia?

— Sei, sim. É por isso que eu vim aqui hoje, na verdade. Após o café da manhã tenho um presente especial para você.

Úrsula lançou um olhar apreensivo para o filho. Olhou para Francisco e não viu nem um pingo de compaixão ou afeto pelo primo, apenas um olhar frio de quem olha um dever a ser cumprido. Ela perdeu o apetite.

Assim que Francisco terminou de comer, Brenda se aproximou de Marcelo. Ele sorriu para ela com carinho. Embora Úrsula detestasse isso, parecia que ele não conseguia nutrir um

sentimento ruim por ninguém naquela casa, muito menos por alguém que parecia querer o mal dele. Ela sentiu um aperto no coração por ver tanta bondade e potencial em alguém que poderia ser exterminado daqui a algumas horas.

— Vamos? — perguntou Francisco, após limpar sua boca com o guardanapo.

Colocou-se de pé e Brenda puxou a cadeira de Marcelo para ele se levantar. No meio do caminho para sair da sala, Úrsula abraçou seu filho.

— Vai ficar tudo bem, meu filho. Vai ficar tudo bem, eu prometo — ela insistiu sem conter as lágrimas. — Eu te amo, querido, eu te amo tanto...

— Por que está chorando, m-mamãe? — perguntou Marcelo, com uma preocupação sincera na voz e nos olhos.

— Ela está apenas feliz — interviu Francisco. — Porque o presente que vou dar para você é muito especial. É uma dádiva do Governo, na verdade.

Marcelo apertou as mãos da sua mãe e sorriu para acalmá-la.

— Vai ficar tudo bem, mamãe — disse. — Vai, sim. Hoje é o meu aniversário. Eu vou ganhar um plesente, vou ficar feliz e bem.

— Eu sei, querido... — Ela desatou a chorar.

Cintia, que observava de longe, após a saída de George e Maria, interveio por ela e a abraçou com força. Mais para impedi-la de algo como para aplacar sua própria dor em ver o garoto indo embora.

Francisco sorriu para as moscas.

Quando eles saíram da casa, Marcelo ficou admirado com o enorme drone pousado no gramado que ele tanto gostava de correr e rolar.

— O que é isso? — perguntou o garoto, maravilhado.

— É um veículo oficial do Governo e, como hoje é um dia especial, você vai poder voar nele.

— Voar?! — Marcelo exclamou e correu para acariciar a fuselagem do drone. — Mãe! — Ele olhou para trás e acenou. — Eu vou voar!

Isso partiu o coração de Úrsula. Ela chorou mais ainda.

— Não fique afoita, tia — disse Francisco. — Eu também trouxe uma surpresa para a senhora.

Um homem, trajando uma capa preta e lisa que lhe cobria desde os ombros até os calcanhares, ocultando seus braços, desceu do drone. Ele usava um estranho chapéu que lhe cobria a maior parte do rosto, deixando à mostra apenas o seu queixo, parte de sua boca e uma tira branca em volta da

lapela da capa. Úrsula estremeceu ao ver aquela figura, ela sabia muito bem a função daquele homem.

— Um padre?! — exclamou Úrsula. — Por que você trouxe um padre aqui?

— Ora, tia, como boa cristã que você é, achei que seria uma boa confessar seus pecados, aproveitando que seu filho estará fora o resto do dia — respondeu seu sobrinho, com um sorriso misterioso. — Nunca sabemos quando será a nossa última oportunidade de cumprir nosso papel cristão.

Aquela afirmativa encheu Úrsula de pavor e medo, um frio percorreu sua espinha e ela sentiu suas pernas fraquejarem. Obviamente, era uma ameaça; uma ameaça do seu próprio sobrinho.

— Prazer em finalmente conhecê-la, Úrsula — cumprimentou o padre, retirando seu chapéu, tentando ser polido, mas em vão com sua voz rouca e trejeitos rígidos de um velho. — Vladimir Sergius, ao seu humilde dispor.

Úrsula sentiu um asco ao ver o padre. Ele era um senhor já, com mais de oitenta anos. Tinha um brilho assustador nos olhos negros, um sorriso cheio de dentes afiados, uma pele branca, pálida que a lembrava algo morto, mas que insistia em permanecer vivo a qualquer custo. Parecia um

abutre com aquela roupa preta e com a careca de onde projetavam rugas estranhas. O fato de ele não ter sobrancelhas ou qualquer tipo de pelo em seu corpo a assustou.

Ela já havia lido sobre os monges cristão que se abnegavam de tudo. Eles eram um dos pilares do Governo e só eram utilizados em casos de extrema importância. Se havia um padre ali, um dos inúmeros agentes do Governo, algo de terrível estava para acontecer.

— Podemos entrar? — ele perguntou com sua voz rouca.

Úrsula não respondeu. Ela não estava mais prestando atenção, sua atenção voltava-se na partida do seu filho, que acenava para ela freneticamente da janela do drone.

O padre não esperou uma confirmação ou um convite, apenas sorriu desdenhoso e entrou na casa. Brenda se virou, nesse momento, para Úrsula e lançou aquele seu sorriso de sempre, frio e imutável. Um sorriso de quem ganhou uma batalha, de quem estava finalmente cumprindo uma missão que lhe foi dada há doze anos e ela pudesse, finalmente, olhar o fruto do seu trabalho.

Cintia apertou o ombro de Úrsula e a conduziu para dentro. O padre não poderia ficar esperando.

XV

GEORGE SERVIU uma xícara de chá para o padre, com um cubo de açúcar e algumas gotas de limão.

— É uma benção, graças a Deus, que agora possamos tomar um pouco de chá com açúcar — comentou Vladimir, sorvendo um pouco da bebida quente, com prazer. — Antigamente, a Ordem Cristã jamais permitira tamanha... libertinagem. Mas o Governo é justo e nos permite essas regalias, após nos mostrar que não é um pouco de açúcar que irá mudar ou não nossa natureza. A tentação, de fato, vem do desejo. Uma vez que você o elimina, por satisfazê-lo ao invés de suprimi-lo, você pode aboli-lo de forma definitiva.

— É isso o que o Governo tem feito comigo e com o meu filho? Permitindo a nossa existência apenas para depois ex... — indagou Úrsula.

O padre apenas levantou o dedo para ela, silenciando-a. Ela não esperava que ele tivesse tamanha presença de espírito para impor alguma coisa. Ficou surpresa em como sua voz, de repente, tornou-se firme e autoritária.

— Deixe-nos — disse olhando para George. — E garanta, servo, que ninguém nos interrompa.

— Eu garantirei isso — prontificou-se Brenda, saindo logo atrás de George.

Assim que a porta se fechou, o padre se inclinou para frente e olhou diretamente nos olhos de Úrsula.

— Você realmente acredita que estamos fazendo algo ruim, não é? — perguntou. — Que o Governo está maltratando você e seu primogênito...

— Sim...

— Não poderia estar mais errada, minha cara. Estou aqui hoje como representante do Governo e da Igreja para lhe dar apoio e redenção. Conforto, em outras palavras.

— Eu vou precisar?

— Todos nós precisamos, querida. Deus ama a todos igualmente. O Governo está acima de tudo, mas é Deus quem está acima de todos.

Úrsula riu, com desprezo. Ela conhecia bem esse jargão das aulas de História Antiga Política.

— Vocês realmente são criaturas arcaicas, não são? — perguntou, cruzando os braços.

— Interessantíssima escolha de palavras, minha criança — Vladimir respondeu, recostando-se na poltrona. Ele sorveu mais um gole do seu chá antes de continuar; assumindo uma pose de professor diante do aluno. — Sim, somos todos nós criaturas de Deus, feitos à sua imagem e

semelhança, como bem sabe, graças à Escritura Sagrada...

— Deus é tão feio assim?

— Que heresia é essa?! Por que está perguntando isso?

— Porque nascemos à sua imagem e semelhança e, mesmo assim, queremos mudar tudo, desde o momento em que nascemos até o momento em que morremos. Acredito que já tenhamos parado de nascer à imagem de Deus há muito tempo, padre. Principalmente quando deixamos de amar ao próximo.

— Blasfêmia! — ele vociferou. — Você não entende nada do que está falando. Nós apenas nos adaptamos... — Ele se recompôs, após olhar para uma mosquinha distraída que voava pela sala. — Se aceitamos essas mudanças é porque entendemos que Deus é a pura perfeição, mas o ser humano é apenas uma cópia e estamos fadados, assim como as antigas máquinas copiadoras, de sair falhados. Seu filho...

— O meu filho é perfeito! — Foi a vez de Úrsula exclamar com veemência. — O mundo é que é uma porcaria! Alguém de vocês, qualquer um do Governo, pode me garantir que o mundo é um lugar seguro para ele?

— Não há lugares seguros, querida. Para ninguém. Exceto se você estiver sob a proteção do Governo e de Deus. Você bem sabe que costumes mudam, as bruxas de ontem são as deusas de hoje. Mas o que não é seguro é escondermos essas aberrações do mundo. A nossa segurança é feita com base no nosso conhecimento. Por isso, seu filho é valiosíssimo. Os testes que vão fazer hoje poderão servir para uma cura definitiva para a doença que ele carrega, uma doença da própria imperfeição do ser humano que Deus, em toda a sua benevolência, nos concedeu as ferramentas necessárias para superá-las. Seu filho é um herói. Mesmo que, se constatado que é uma ameaça para todos, seja abolido.

— Você está distorcendo tudo!

— A base de toda religião é a crença, minha querida. Você é que não está vendo o todo. Está deixando de ter fé no Governo e em Deus. Não está vendo que Marcelo não sobreviveria no mundo lá fora, o quanto ele é frágil...

— Você não sabe nada sobre ele! Nada! Nada do que o Governo tenha dito para você é verdade. Você não conhece Marcelo.

— Oh, na verdade, eu o conheço muito bem — sorriu Vladimir. — Mas, antes de entramos

nesse assunto, vamos à sua confissão. Afinal, é para isso que estou aqui hoje. Embora eu ache que já tenha ouvido o suficiente.

A mosquinha que estava na sala voou para fora, pela janela.

— Agora, estamos sozinhos. Apenas eu, você e Deus — disse o Padre, sorridente.

Úrsula olhou para a janela. Ela sabia! Sabia desde aquele momento, anos atrás, na banheira, que havia algo suspeito com as moscas.

— Elas são...

— Sim, elas são. Sempre foram.

Ela não teve tempo de se defender ou revidar.

Algo gelado e metálico apertou sua garganta. Sentiu seu corpo se elevar do sofá, deixando cair um de seus sapatos no tapete. Com os olhos arregalados, ela olhou para baixo e viu, para o seu horror, que o padre havia retirado a parte superior de sua capa, revelando um corpo mutilado e cheio de cicatrizes. Elas estavam em volta de um par de braços biônicos, um de cada lado do seu corpo, que, antes enrolados ao redor do seu tronco, agora a levantavam no ar e apertavam sua garganta.

— Úrsula Honório Bertrand! — disse o padre, com prazer em sua voz. — Nós ouvimos suas

confissões, nós temos ouvido você desde o momento em que seu filho nasceu. Graças ao seu admirável e inovador sobrinho, Francisco. Toda a sua vida tem sido um reality show para toda a sociedade assistir, mas a sua presença vem sendo questionada. Tem se tornado um empecilho, para falar a verdade, para a mensagem que queremos passar para o público, para o mundo!

Úrsula se debatia, sentindo sua traqueia sendo exprimida pelo braço mecânico. Começou a sentir falta de ar. Começou a pensar no seu filho. As lágrimas rolaram do seu rosto.

— Nós ouvimos você, observamos você e sabemos tudo sobre você — disse Vladimir, esticando sua mão humana para tocar no rosto dela. — E sentimos muito, mas esta é a sua última temporada na vida do seu filho. Agora, eu só preciso ir até o quarto dele, pegar o presente especial que você preparou para ele e assistir, no conforto da minha casa, os últimos meses de Marcelo. Ele mandará a mensagem definitiva para todas as pessoas do mundo. Mesmo que você sobrevivesse para servir ao Governo, não seria de serventia nenhuma se não pudesse viver em sociedade com as outras pessoas, se não pudesse ser... normal. — Esta foi a

última palavra que Úrsula ouviu antes de ter sua traqueia completamente esmagada e ser...

Abolida.

XVI

— M-MAMÃE! — GRITOU Marcelo, ao chegar em casa. — Hoje é o melhor dia de todos!

O garoto estava animado depois de ter feito uma volta completa naquele drone. Não foi nada demais. Ele simplesmente saiu voando por aí a esmo. O Governo classificou como confidenciais os testes, mas, de fato, nunca houve nenhum. Não precisavam de testes, não *queriam* testar nada. Apenas queriam provar e demonstrar um ponto.

Francisco pensava na genialidade e na simplicidade de tudo.

— Eu não tive medo da agulha, mãe! — exclamou Marcelo, procurando por Úrsula.

Outra genialidade do Governo. Agulha era o nome que Francisco deu ao drone, temporariamente, para que Marcelo parecesse ter passado pelos testes. Tudo o que lhe bastou foi perguntar, quando pousaram novamente, após um dia todo sobrevoando a fazenda:

— Você teve medo da agulha?

— N-não! — respondeu Marcelo, entusiasmado.

— Então conte para a sua mãe como não teve nenhum medo da agulha.

Enquanto Marcelo corria pela casa procurando sua mãe, com as moscas perseguindo-o, os

empregados choravam disfarçadamente, exceto por Brenda, que estava indiferente a tudo, com seu lindo sorriso no rosto. Francisco se aproximou do padre, que tomava mais chá após ter jantado fartamente, para desespero dos empregados, que tiveram que servi-lo após a atrocidade que ele cometera.

— Correu tudo bem? — perguntou Francisco, com as mãos para trás, como uma criança que aguarda um doce.

— Mas é claro — respondeu Vladmir com um sorriso sinistro. — E devo dizer que a sua equipe de limpeza é extremamente eficiente.

— *Oh, mãe! Cadê você, mãe?*

— Ele não faz ideia, não é?

— *Mãe!*

— Claro que não, padre. E, acredito, morrerá sem perceber tudo o que fez para colocar um fim na sua... escória.

— *M-mamãe!*

— Eu devo admitir. Achei estranha toda essa ideia no começo, mas agora consigo ver claramente o que estava planejando este tempo todo.

— *Mãe...*

— Conseguiu pegar o "presente" que ela preparou para ele?

—...

— Sim, meu caro. Estava na escrivaninha dela, como vocês informaram. Bastou um pouco de força na tranca...

—...

— Acredito que esta é a minha deixa, meu amigo. O garoto já desistiu de procurá-la. Marcelo!

Marcelo se voltou para Francisco com os olhos vermelhos e chorosos.

— Onde está minha m-mãe? — perguntou. — Eu quero minha mãe!

Francisco colocou a mão no ombro do seu primo.

— Ei, sua mãe vai aparecer, mais cedo ou mais tarde — disse. — Que tal a gente comer o bolo que George preparou especialmente para você?

— Mas e a m-mamãe?

— Tenho certeza que ela será encontrada em breve...

De fato.

A alguns quilômetros dali, em uma região erma, Gabriel encontrou Úrsula estirada com parte do corpo dentro do rio e a outra para fora. O pessoal da PFU enviara ele especificamente para aquela denúncia anônima. Agora, ele sabia o porquê.

Queria chorar de tristeza, mas chorou de ódio. Apenas as moscas observavam ele e a sua cunhada. Ele as afastou com um grito de raiva, pois sabia o que elas eram. Sabia o que estava acontecendo e, para o seu desespero, era obrigado a ficar longe de Úrsula e do seu sobrinho... seu sobrinho. O que será de Marcelo agora? O que iriam fazer com ele? O que... os olhos dele foram atraídos para algo em Úrsula.

Gabriel socou o chão com raiva, ao lado do corpo. As moscas, eventualmente, cansaram-se daquela cena e foram embora. Então ele parou de fingir, olhou para os lados para se certificar que não havia uma mosquinha sequer e pegou um pequeno embrulho que estava escondido nas roupas de Úrsula.

Ao abri-lo, se deparou com um uma mensagem... Uma mensagem para ele.

— Obrigado, Úrsula — disse, secando as lágrimas com as mangas, após terminar de ler. — Eu vou protegê-lo. Prometo. Tem a minha palavra.

Ao se levantar, contataram-no pelo comunicador. Ele solicitou e fez todos os procedimentos para aquela situação. Limpou as mãos em sua calça, pegou seu celular e olhou as horas. Tinha

tempo. Ele faria a parte dele. Agora, restava ao Marcelo fazer a parte dele.

XVII

A CHUVA que caía lá fora cativava sua atenção, assim como a noite que estava densa. Era para ser um dia maravilhoso. E quase foi.

Marcelo voou com seu primo, Francisco. Comeu bolo e outras guloseimas deliciosas preparadas por George especialmente para ele e o seu aniversário. Embora estivesse preocupado com sua mãe, estava muito bom. E houve a surpresa de conhecer outra pessoa especial, seu tio Gabriel. Achou incrível que ele era um policial e gostaria de tê-lo conhecido antes, mas não importava, ele ficou muito feliz com a visita do seu tio, exceto quando ele falou o motivo pelo qual ele tinha ido até a fazenda.

— Úrsula está morta — informou, simplesmente. — Eu sinto muito, Marcelo.

Ele chorou, esperneou, precisou ser contido por George, Francisco e Gabriel. Mesmo para um jovem, ele era muito forte. Deram um sedativo para ele. Acordaram-no no momento em que trouxeram a urna com as cinzas de sua mãe.

Um velório improvisado foi feito para ela, substituindo a festa de aniversário de Marcelo. Foi depois desse dia que ele passou a odiar bolos de aniversário. Era a única coisa que tinha para servir, além das guloseimas e salgadinhos de festa.

Francisco não se importou em preparar algo decente para sua tia. Era uma mensagem que o Governo queria enviar: se você se envolve com as pessoas erradas, você não é mais um cidadão, perdeu seus direitos.

Todos dentro do cômodo, onde fora depositada a urna sobre uma mesa, estavam trajados em tecidos pretos. Seus rostos eram carregados por expressões de dor, mas não do coração de Gabriel, ele já havia chorado demais no caminho para contar ao seu sobrinho. Não queria que Francisco ou o Governo o vissem fraquejando. Ele precisava ser forte agora, por ele e pelo garoto. Ele sabia que aquilo tudo não passava de um enorme teatro, orquestrado por pessoas que sequer nutriam os sentimentos que, naquele momento, tentavam demonstrar com palavras de conforto.

Havia muitas pessoas do Governo, pessoas que Marcelo jamais ouviu falar e que eram seus fãs. Embora disfarçassem muito bem, estavam ansiosos para cumprimentar o garoto, usando a desculpa das condolências. Também havia um padre que alguém chamou de Vladimir, havia os empregados - as únicas pessoas, além de Marcelo e Gabriel, que estavam chorando de verdade pela morte de Úrsula -, Francisco e, é claro, Brenda. Ela estava

com aquele sorriso de sempre, embora, naquele dia, parecesse um pouco apagado pela ocasião.

Gotas escorriam lentas pela calha e faziam curvas pela janela circular antes de caírem em um pequeno espaço entre a estrutura de madeira e um canteiro de flores improvisado. Alguém estranho, um homem vestido de preto e careca, após se aproximar de Marcelo, disse:

— Úrsula era uma boa pessoa. Foi uma grande perda para a comunidade cristã. É uma honra falar os últimos votos dela, filho.

— Obligado — agradeceu o garoto, distraído.

Voltou seu rosto em direção à janela.

Era certo que, naquele momento, todos deixavam seus rostos serem preenchidos com carrancas de indignação pela atitude do garoto, eles esperavam mais. Haviam pago por algo mais... teatral. Não queriam algo tão realista quanto estavam vivenciando. Marcelo era indiferente a tudo isso, todo esse mundo que o cercava. Nunca se importou, de verdade. Ele se importava com sua mãe, e agora ela não estava mais ali. Queria cavalgar... Se não estivesse chovendo, iria cavalgar até se cansar e esquecer de tudo.

— Escuta, querido, eu sei pelo que está passando agora, mas, acredite, não há mal que não seja recompensado pelo bem. — Dessa vez, precisou olhar para ver de que boca saíam tais palavras, e lá estava ela, com um sorriso tão simpático de sempre, Brenda, a governanta. — Sua mãe não deveria ter saído da fazenda. E tudo por causa de um presente...

— Ela me deixou um presente — ele murmurou.

— Sim, querido. — Ela sorriu mais ao se lembrar que o padre havia confiscado o presente na escrivaninha. — Ela deixou.

Em pouco tempo, o velório, que era uma promessa de entretenimento, começou a ficar maçante. A cremação tinha sido mais emocionante. Decepcionados, aqueles estranhos começaram a deixar a casa. Alguns falaram em pedir reembolso, mas Francisco não se importava. Era para o bem maior. Dinheiro não importava ali.

Enquanto a casa se esvaziava, deixando apenas os empregados, Gabriel, Francisco e o padre para trás; Marcelo apenas fitava a janela. Evitava olhar para a urna que continha os restos de sua mãe. Embora as lembranças dela permeassem sua mente, preenchendo-a com todos os

ensinamentos, moral e determinação que ela mesma tinha em abundância. Ele compreendia que ela o estava protegendo, desconfiava que algo não estava certo e, agora, tinha certeza.

Não conseguia parar de pensar em como era mesquinho acreditar que a morte é ruim simplesmente por não querer ficar sozinho neste plano. Sentiu um pouco de raiva da mãe. Como ela havia abandonado ele no mundo sem dizer o que fazer com sua vida? Ela havia ensinado tanta coisa, mas nada, nem uma palavra, sobre um propósito. Poderia ser o que quisesse. Só dependia da boa vontade do chamado Governo ou do seu primo... e tinha a Brenda. Gostava dela, embora ela não fosse a melhor pessoa do mundo. Sempre foi muito fria com sua mãe, ele nunca gostou disso e nem da forma que ela o olhava enquanto ele brincava quando era criança.

Se iria morar por um tempo na fazenda ou a vida toda, não sabia. Nunca tinha parado para pensar no futuro com tanto afinco quanto agora. O padre, que foi o último a ir embora, ofereceu ajuda da Igreja. E a ideia de pedir ajuda à Igreja lhe dava enjoo. Afinal, o que era a Igreja? Para que ela servia? Sua mãe havia contado tantas histórias sobre a

Igreja, que não sabia se acreditava ou não em suas verdades.

Embora o seu semblante não demonstrasse qualquer desejo ou emoção, no fundo sentia - e muito - a raiva. De todos, de tudo. Daqueles hipócritas cristãos. Não conseguia tirar da cabeça que espécie de sociedade perfeita tinha a capacidade de matar outro ser humano.

Eles precisavam pagar. Quem quer que tivesse feito isso com sua mãe, eles precisavam pagar.

Eles iriam pagar, foi o pensamento que se passou pela sua mente já tão perturbada enquanto olhava para a urna ser depositada num pequeno buraco ao lado da lápide da irmã de sua mãe, Juliana, no jardim. Francisco permitiu que Úrsula tivesse a mesma honraria de seus antepassados, e George fez o buraco junto com Horácio.

As lágrimas não paravam de vir, misturando-se com a chuva e com o som dos poucos que estavam realmente chateados com tudo aquilo, dos empregados. Estes eram o que se lamuriavam mais, pois haviam se tornado verdadeiros amigos de Úrsula. Outro som que competia com o da chuva e do vento eram as palavras roucas e vazias do Padre Vladimir. Ele precisava fazer um grande

esforço para não rir de toda aquela situação, da ironia de estar ali, parado, diante das cinzas da pessoa que ele mesmo arrancou a vida.

Francisco se continha para não revirar os olhos. Fez isso mantendo seus olhos fixos no primo. Em breve, seria ele que estaria sendo cremado e enterrado. Ia garantir isso e que, após o mundo todo receber sua mensagem, retiraria a urna do garoto do terreno sagrado dos seus antepassados e o arremessaria num lixão qualquer...

— Francisco — chamou Gabriel, tocando no seu ombro.

O policial recebeu um olhar de asco de Francisco. Detestava ser tocado.

— O que você quer? — disse o outro secamente.

— O que será do garoto, agora que a mãe dele se foi?

— Assuntos do Governo não interessam a subalternos.

— Eu não sou apenas um subalterno, Francisco. Ele é o meu sobrinho, sou da família, e Marcelo é... — Gabriel sentiu prazer ao dizer: — o meu *afilhado*.

XVIII

GABRIEL PÔDE sorrir finalmente após ver a expressão de completa surpresa na cara de Francisco. Estava ansioso desde o momento em que se acalmou após a morte de sua cunhada e se lembrou da sua carta para ele. Não era uma carta qualquer, e ele iria revelá-la no momento certo, assim que todos estivessem de volta na casa e cercados pelas moscas. Certamente, havia moscas ali, observando o enterro, mas não poderia haver dúvida. Ele só tinha uma chance.

— Não, não, não... nunca houve uma cerimônia — ele se exasperou. — Eu teria lembrado... eu teria visto...

— Visto o quê? — perguntou Marcelo, aproximando-se deles.

— Que você é o meu afilhado, Marcelo — respondeu Gabriel, em alto e bom som, para a surpresa de todos.

— Isso é impossível — disse Brenda, sem perder seu sorriso. — Nunca houve um batismo.

— É verdade — confirmou o padre, num tom de quem entendia tudo sobre o assunto. — Sem um batismo, não existe um padrinho.

— Vamos entrar e eu explicarei tudo — pediu Gabriel. — Vamos sair dessa chuva, Marcelo.

Os empregados, que, mesmo sem serem convidados, fizeram questão de presenciar aquele momento, reuniram-se em uma das salas espaçosas da fazenda e atiçaram o fogo na antiga lareira instalada após as mudanças climáticas que ocorreram séculos atrás. Havia pelo menos trezentos anos desde a última vez que aquela lareira havia sido acesa, e, pelo menos, o dobro do valor desde a última vez que alguém realmente enfrentava o Governo sem medo, como Gabriel estava fazendo.

— Então? — disse Vladimir, curioso. — Como vai explicar essa mentira?

— Não é uma mentira, padre — retrucou Gabriel, confiante. — Eu tenho em minhas mãos a última vontade de Úrsula. Seu testamento.

Francisco perdeu o ar, ele riu nesse momento e bateu a mão de forma nervosa no braço da poltrona.

— Ela não tinha nenhum testamento — disse Francisco, tentando manter a pose. — Nós saberíamos.

— Como saberiam? — perguntou Marcelo, desconfiado.

— Ela nos contaria. Só queremos ajudá-la da melhor forma possível. O Governo sempre faz o melhor para seus cidadãos.

Gabriel confirmou a presença das moscas na sala e sorriu. Teatralmente, retirou do seu bolso a carta que encontrara escondida de Úrsula. Ele leu em alto e bom som, para todos ouvirem, em como ela havia escrito aquele testamento em segredo para que ninguém interferisse em sua vontade, em como ela deixava tudo que tinha para Marcelo, todo seu dinheiro e posses. E deixava a guarda para Gabriel através do apadrinhamento, permitindo que ele cuidasse e zelasse de todo o patrimônio de Marcelo até a maioridade.

— Não houve batismo! — exclamou o padre, exacerbado.

— Não precisa ter um batismo para se ter um apadrinhamento — retrucou Gabriel.

Continuou a leitura, onde dizia os artigos na lei que garantiam o direito legal de Gabriel para ser o padrinho de Marcelo. Então ele mostrou a assinatura de Úrsula e o código de registro da assinatura eletrônica dela.

— E, para finalizar — disse Gabriel, guardando o testamento —, fiz uma cópia para todos os interessados em ler, registrei no cartório, paguei por todo o processo e o juiz já autorizou tudo. E eu não tenho como agradecer ao Governo pelo

empenho em me manter como guardião e padrinho de Marcelo, agora que sua mãe se foi.

Francisco rangia os dentes, controlando toda a sua raiva. Se ele tivesse conhecimento disso, poderia ter impedido. Se não houvessem as moscas e as milhares de pessoas pelo mundo, ele poderia alterar isso. Fazer com que nunca tivesse acontecido, mas agora todos sabiam. E as vibrações constantes no seu telefone indicavam a indignação do Governo e a celebração dos índices de audiência. Os empregados estavam tão excitados e animados com aquela virada de eventos quanto os expectadores.

O representante do Governo se levantou, apertou a mão de Gabriel, secretamente admitindo aquela derrota, e, com o olhar, garantindo que não se deixaria enganar de novo.

— Os testes do garoto — disse Francisco — sairão em breve. Enquanto isso, ele não poderá sair da fazenda. O destino dele está em aberto até lá. Acredito que os próximos dias serão decisivos para o futuro dele e de outros tantos garotos como ele.

Ele deu as costas para Gabriel e fez sinal para Vladimir o seguir.

— Espere — pediu Gabriel, detendo Francisco no meio do caminho. — Eu tenho um

presente para Marcelo que gostaria de dar na frente de todos vocês. Afinal, ainda é o seu aniversário, certo?

Francisco cruzou os braços e revirou os olhos enquanto Gabriel ia correndo até o seu veículo e retornava com uma caixa de papelão grande, amarrada com um barbante. Havia buracos na caixa e ela estava tremendo. Quando Marcelo abriu aquela caixa, foi a primeira vez que sorriu após a morte da sua mãe.

Um filhote de Rottweiler apareceu na beirada da caixa e começou a lamber o rosto dele. Maria e Sonia sorriram. Francisco sentiu um arrepio na nuca. Nem tanto pelo animal, mas pela audácia de Gabriel e a felicidade do seu primo.

— O nome dele é Jazz — disse Gabriel acariciando a cabeça do filhote. — Afinal, todos nós precisamos de um pouco de música em nossa vida para nos alegrar. Ele é seu, Marcelo.

— Obrigado, tio! — exclamou o garoto, contente, esquecendo por um momento a dor que estava sentindo pela morte de sua mãe.

— Pronto, é só isso? — perguntou Francisco.

— Não, na verdade, tem mais uma coisa. Nós analisamos o corpo de Úrsula e constatamos

que ela foi assassinada, e, pela hora do óbito, ela não teria tempo suficiente, mesmo com o veículo mais rápido, de ir na cidade comprar um presente para Marcelo e voltar.

— E?

— E... o culpado tinha que estar dentro das imediações da fazenda para cometer o crime.

Os funcionários arregalaram os olhos, entreolharam-se, e o silêncio só foi quebrado pelos risinhos de Marcelo e os barulhos do filhote.

— Todos estão sob suspeita. Um inquérito será aberto e as investigações começam amanhã.

Francisco não esperou resposta, não deu boa noite, apenas se retirou, batendo os pés e movendo rapidamente as engrenagens do seu cérebro para descobrir uma forma de evitar tudo aquilo. Ignorou completamente o ar de surpresa e de culpado que Vladimir não conseguiu esconder dos olhos atentos de Gabriel. O padre o seguiu com o rabo entre as pernas, assustado.

— Acho que o show acabou — disse Brenda, em seu tom autoritário. — Melhor nos retirarmos, amanhã temos um dia cheio pela frente.

Os empregados concordaram, desejaram boa noite para Marcelo e para Gabriel - alguns

acenaram para o cachorrinho, que estava feliz e com o rabo balançando freneticamente.

— Permanecerá conosco esta noite, Gabriel? — perguntou Brenda, incisiva.

— Sim — ele respondeu. — Se não for incômodo. Afinal, meu compromisso será aqui, daqui algumas horas.

— Muito bem. Prepararei um quarto para...

— Não precisa, vou me virar. Obrigado, pode se retirar.

O sorriso de Brenda vacilou. Úrsula nunca se dirigiu a ela daquela forma. Não soube o que responder, apenas se retirou, deixando os dois a sós.

— As coisas serão diferentes agora, Marcelo — ele disse, acariciando a cabeça do sobrinho. — Eu vou cuidar de você. Não sei explicar, mas há situações que parecem tão absurdas e fáceis de serem resolvidas, mas que, quando analisadas, tornam-se um emaranhado de equações sinistras. Acredito que não entenderá tudo o que precisa entender agora, mas saiba que estou do seu lado, até o fim.

O garoto agradeceu a ele com os olhos. Não tirava as mãos do cachorro, acariciando seu novo amigo. Foi com ele no colo até o seu quarto e colocou o cachorrinho para dormir junto com ele na

cama. Gabriel se manteve a noite inteira ao lado da cama do garoto, em uma poltrona. Cochilou por alguns instantes e acordou num sobressalto. Sentia a presença de alguém que nunca aparecia quando estava desperto. Sentia a presença e a pressão do Governo toda sobre ele e aquele garoto. O mundo estava de olho em tudo o que eles estavam fazendo, e, com certeza, ele queria garantir que iria dar o maior espetáculo da Terra que eles veriam em séculos...

Leu certa vez que *não existe céu ou inferno, anjos e demônios estão na Terra*; começou a perceber que a afirmação do personagem não era de todo uma errata. São nossas atitudes que definem o que nós, humanos, nos tornaremos. Ele era um anjo, mas o Governo queria era que ele fosse um demônio. Gabriel tinha plena consciência da sua responsabilidade como padrinho agora. Embora tivesse dúvida no momento em que leu a carta de sua cunhada, lembrou-se do quanto ela fez feliz o seu irmão e se lembrou da última vontade dele, mais uma vez.

— Vou protegê-lo, Marcelo, vou protegê-lo.

Faria da Terra um Inferno, pelo garoto, se precisasse.

Poxa, já está de saída? :(

O exemplar que você tem em mãos é apenas uma amostra desse trabalho incrível nacional. O livro é tido como o primeiro biopunk nacional por alguns especialistas em ficção científica, sabia disso? Além de já ter sido traduzido para o inglês também :)

Se gostou do que leu, ajude o autor a ter mais do seu trabalho lido.

Compre uma versão e-book na AMAZON, e aproveite para deixar uma avaliação lá também.

Deixe-nos saber o que você acha sobre

O ÚLTIMO
RUIVO